



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Construção de um Instrumento para a Avaliação da Autoestima Infantojuvenil

Débora Luisa Ribeiro de Souza e Fonsêca

BRASÍLIA - DF

2026



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Construção de um Instrumento para a Avaliação da Autoestima Infantojuvenil

Débora Luisa Ribeiro de Souza e Fonsêca

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof Dr Carlos Manoel Lopes Rodrigues

BRASÍLIA - DF

2026



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Dissertação apresentada e avaliada por banca examinadora constituída por:

Dr Carlos Manoel Lopes Rodrigues
Universidade de Brasília (UNB)
Presidente

Prof.^a Dr. Rodrigo Rodrigues de Souza
Universidade de Brasília (UNB)
Membro Interno

Prof. Dra. Priscila Magalhães Barros Felinto
Centro Universitário de Brasília (CEUB)
Membro Externo

Prof. Dr. Fauston Negreiros
Universidade de Brasília (UNB)
Suplente

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que estiveram ao meu lado durante todo esse processo. Acredito que cada um sabe, ao menos um pouco, o quanto foi essencial para que esse sonho se tornasse realidade e para que eu pudesse, enfim, chegar a este momento.

Primeiramente, aos meus pais, Luzidalva e Vinícius, que sempre me incentivaram a estudar, oferecendo amor, esperança, consolo e segurança ao longo da minha vida. Como fica evidente nessa pesquisa, eles foram fundamentais para o desenvolvimento de uma pessoa confiante, capaz de se aventurar pelo mundo. E também à Deus por sempre me dar forças para continuar.

Aos meus amigos de longa data, que estão acostumados com meus piores momentos e mesmo assim não desistem de mim. Em especial a Ester e Ellen, não somos da mesma família, mas as considero como verdadeiras irmãs, não consigo encontrar uma maneira de agradecer que consiga expressar tudo que elas fizeram por mim, mas sei que não preciso correr de nada e que elas estarão comigo.

E também aos novos amigos, todos que conheci durante esses dois anos, em uma cidade na qual eu não tinha nenhum laço afetivo, eles tornaram possível um cenário no qual eu conseguia me sentir acolhida e feliz.

Ao meu orientador, Carlos Manoel, por toda a paciência ao longo desse percurso, por acreditar nesta pesquisa e pelo constante apoio durante todo o processo.

Aos membros da banca, que gentilmente aceitaram o convite e dedicaram seu tempo para avaliar este trabalho.

Lista de Figuras

Manuscrito 1 - Métodos de avaliação da autoestima infantojuvenil: uma revisão sistemática dos instrumentos disponíveis	
Figura 1	
Fluxo de seleção dos estudos conforme o modelo PRISMA 2020	22
Manuscrito 2 - Construção de um Instrumento para a Avaliação da Autoestima Infantojuvenil: Um Estudo Inicial	
Figura 1	
Fluxograma da metodologia utilizada no estudo.....	49

Sumário

Apresentação	11
Manuscrito 1 - Métodos de avaliação da autoestima infantojuvenil: uma revisão sistemática dos instrumentos disponíveis.....	14
Manuscrito 2 - Construção de um Instrumento para a Avaliação da Autoestima Infantojuvenil: Um Estudo Inicial.....	42
Apêndices.....	70

Resumo

A autoestima constitui um importante construto investigado na psicologia devido à sua relação com processos de adaptação, desenvolvimento de habilidades e impactos em diferentes áreas da vida, incluindo desempenho acadêmico, funcionamento social e saúde mental. Definida como uma atitude positiva ou negativa em relação ao próprio self, sua formação envolve múltiplos fatores associados à percepção de competências e características individuais em diferentes contextos. Evidências indicam que a autoestima apresenta relativa estabilidade ao longo do tempo. Na infância e adolescência, fases marcadas por intensas mudanças no desenvolvimento, a avaliação precoce desse construto torna-se especialmente relevante, uma vez que baixos níveis de autoestima estão associados a maior risco de depressão, ansiedade e comportamentos antissociais, entre outros desfechos. No contexto brasileiro, observa-se escassez de instrumentos atualizados e com evidências robustas de validade e fidedignidade voltados à avaliação da autoestima infantojuvenil, o que reforça a necessidade de desenvolvimento de medidas adequadas à população. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo apresentar as etapas iniciais para a construção de um instrumento de avaliação da autoestima em crianças e adolescentes. A pesquisa foi organizada em dois manuscritos: o primeiro consiste em uma revisão sistemática da literatura sobre instrumentos de avaliação da autoestima, e o segundo descreve as etapas de construção e os resultados preliminares do novo instrumento. No Manuscrito 1, a revisão da literatura identificou 26 instrumentos utilizados para avaliar autoestima ou construtos relacionados em crianças e adolescentes. Observou-se variação quanto ao número de itens (10 a 72) e à estrutura dimensional, incluindo medidas unidimensionais de autoestima global e instrumentos multidimensionais com até oito domínios. Em termos psicométricos, a maioria dos estudos investigou evidências de validade baseadas na estrutura interna e consistência interna, sendo menos frequentes análises de estabilidade temporal ou invariância. Esses resultados indicam diversidade metodológica, mas também evidenciam a escassez de instrumentos recentes e psicometricamente robustos voltados especificamente à população infantojuvenil no contexto brasileiro, reforçando a necessidade de desenvolvimento de novas medidas. No Manuscrito 2, são apresentadas as etapas iniciais de construção de um instrumento destinado à avaliação da autoestima em crianças. Após o levantamento da literatura e a definição constitutiva e operacional do construto, foram elaborados os itens do instrumento, estruturados em um formato que combina diferencial semântico e escala analógico-visual, buscando

facilitar a compreensão e a resposta por crianças e adolescentes. Os itens foram posteriormente submetidos à avaliação por juízes especialistas. A análise de concordância, realizada por meio do coeficiente Kappa de Fleiss, indicou concordância moderada quanto à clareza dos itens ($K = 0,62$) e concordância substancial Universidade de Brasília - UnB Instituto de Psicologia – IP Programas de Pós-Graduação do IP quanto à adequação dos itens às facetas teóricas ($K = 0,507$). Em seguida, foi conduzida análise de validade semântica com 20 participantes, sendo 10 crianças (8–12 anos) e 10 adolescentes (13–16 anos), cujos resultados indicaram concordância substancial quanto à compreensão dos itens. De modo geral, os resultados fornecem evidências iniciais favoráveis à qualidade do conteúdo do instrumento. Como próximos passos, prevê-se a aplicação da medida em amostras ampliadas, bem como a realização de análises psicométricas voltadas à investigação da estrutura interna, consistência interna e evidências de validade baseadas nas relações com variáveis externas, com o objetivo de consolidar o processo de desenvolvimento e uso do instrumento.

Palavras-chave: autoestima; crianças; adolescentes; desenvolvimento de instrumentos

Abstract

Self-esteem is an important construct investigated in psychology due to its relationship with adaptation processes, skill development, and its impact on different areas of life, including academic performance, social functioning, and mental health. Defined as a positive or negative attitude toward the self, its formation involves multiple factors associated with the perception of competencies and individual characteristics across different contexts. Evidence indicates that self-esteem demonstrates relative stability over time. During childhood and adolescence—developmental stages marked by intense changes—the early assessment of this construct becomes particularly relevant, as low levels of self-esteem are associated with an increased risk of depression, anxiety, and antisocial behaviors, among other outcomes. In the Brazilian context, there is a scarcity of updated instruments with robust evidence of validity and reliability aimed at assessing self-esteem in children and adolescents, which reinforces the need to develop measures appropriate for this population. Therefore, the present study aimed to present the initial stages in the development of an instrument designed to assess self-esteem in children and adolescents. The research was organized into two manuscripts: the first consists of a systematic review of the literature on instruments used to assess self-esteem, and the second describes the construction stages and preliminary results of the new instrument. In Manuscript 1, the literature review identified 26 instruments used to assess self-esteem or related constructs in children and adolescents. Variations were observed in the number of items (ranging from 10 to 72) and in dimensional structure, including unidimensional measures of global self-esteem and multidimensional instruments with up to eight domains. In psychometric terms, most studies investigated validity evidence based on internal structure and internal consistency, whereas analyses of temporal stability or measurement invariance were less frequent. These results indicate methodological diversity but also highlight the scarcity of recent and psychometrically robust instruments specifically designed for children and adolescents in the Brazilian context, reinforcing the need for the development of new measures. In Manuscript 2, the initial stages of constructing an instrument aimed at assessing self-esteem in children are presented. After reviewing the literature and establishing the constitutive and operational definitions of the construct, the instrument items were developed. The items were structured in a format combining a semantic differential and a visual analog scale, seeking to facilitate comprehension and response among children and adolescents. The items were subsequently submitted for evaluation

by expert judges. Agreement analysis, conducted using Fleiss' Kappa coefficient, indicated moderate agreement regarding item clarity ($K = 0.62$) and substantial agreement regarding the adequacy of the items to the theoretical facets ($K = 0.507$). Subsequently, semantic validity analysis was conducted with 20 participants, 10 children (8–12 years old) and 10 adolescents (13–16 years old), whose results indicated substantial agreement regarding item comprehension. Overall, the results provide favorable initial evidence regarding the quality of the instrument's content. As next steps, the instrument will be administered to larger samples, and psychometric analyses will be conducted to investigate internal structure, internal consistency, and validity evidence based on relationships with external variables, with the aim of consolidating the process of instrument development and use.

Keywords: self-esteem; children; adolescents; instrument development

Apresentação

O estudo da autoestima é um amplo campo de interesse na psicologia de forma geral, principalmente por conta da associação entre alta autoestima e o desenvolvimento e adaptação de habilidades, com diversos benefícios, em diferentes áreas da vida, como no desempenho escolar e no trabalho, na saúde mental e física (Orth & Robbins, 2022).

Esse construto possui diversas definições, Rosenberg (1965) o define como uma atitude positiva ou negativa frente ao próprio self. Hutz & Zanon (2011) afirmam que a autoestima se relaciona com pensamentos e sentimentos que o indivíduo possui sobre si, a partir da avaliação do autoconceito.

Sua percepção pode ser baseada nas habilidades e qualidades que o indivíduo possui em diferentes contextos, na avaliação das suas habilidades sociais, sua aparência física, performance no trabalho, entre outros aspectos, sendo que a percepção pode não estar necessariamente de acordo com a realidade (Muris & Otgaar, 2023). Ou seja, a formação da autoestima pode ser considerada multifatorial, como é apontado na evolução de instrumentos unidimensionais para multidimensionais ao longo dos anos que propõe a mensurá-la (Liu et al., 2022).

Outro aspecto relevante para o desenvolvimento desses instrumentos são as evidências de que ela pode ser considerada como um traço e que possui estabilidade (Kuster & Orth, 2013). Podem haver mudanças ao longo da vida, mas possui uma tendência a tornar-se mais estável na vida adulta, com marcadores comuns para pessoas na mesma faixa etária. A literatura indica que a autoestima segue um padrão de U invertido, tende a aumentar na infância, estabiliza no início e meio da adolescência, e volta a aumentar do final até a vida adulta, atingindo seu pico na meia-idade, torna-se

estável novamente até a terceira idade e então, no final da vida, há um súbito declínio (Orth et al., 2018, citado em Reitz, 2022).

Em virtude da autoestima ser influenciada por vários elementos, a avaliação realizada de forma precoce, em crianças e adolescentes, pode ser essencial para a identificação de áreas sensíveis, as quais poderiam ser feitas intervenções caso seja apontada alguma dificuldade. Vários estudos indicam a baixa autoestima como fator de risco para o desenvolvimento de depressão (Orth et al., 2014; Zhong et al., 2021; Zhou et al., 2020, citados em Balluerka et al., 2022). Pode ser associada a comportamento criminoso e à delinquência e cyberbullying (Mier & Ladny, 2018; Lei et al., 2020, citados em Orth & Robins, 2022). Há evidências do efeito mútuo entre baixa autoestima e o desenvolvimento da psicopatologia alimentar (Krauss et al., 2023).

Uma das justificativas para a criação de um novo instrumento é a “ausência de instrumentos adequados ao contexto e/ou aos objetivos de mensuração do pesquisador” (Damásio & Borsa, 2017, p. 22). Isso pode ser observado no contexto brasileiro da avaliação da autoestima em crianças e adolescentes, no qual, após a realização de um levantamento exaustivo da literatura, procedimento também recomendado pelos autores supracitados (p. 24), foram identificados poucos instrumentos atualizados que apresentem evidências de validade e fidedignidade.

Diante do que foi exposto, o objetivo principal do presente estudo é apresentar as etapas iniciais para a criação de um instrumento de avaliação da autoestima infantojuvenil. Nesse sentido, a pesquisa será apresentada em dois manuscritos, sendo que o primeiro tem como finalidade a realização da revisão sistemática da literatura acerca dos principais instrumentos psicológicos que avaliam a autoestima. E o segundo é a apresentação das etapas da construção e os resultados iniciais.

Referências

- Balluerka, N., Aliri, J., Goñi-Balentziaga, O., & Gorostiaga, A. (2023). Association between bullying victimization, anxiety and depression in childhood and adolescence: The mediating effect of self-esteem. *Revista de Psicodidáctica (English Ed.)*, 28(1), 26-34.
- Borsa, J. C., & Seize, M. M. (2017). Construção e adaptação de instrumentos psicológicos: Dois caminhos possíveis. In B. F. Damásio & J. C. Borsa (Eds.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (1º ed, pp. 22, 24). Vetor.
- Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. *Avaliacao Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 10(1), 41-49.
- Krauss, S., Dapp, L. C., & Orth, U. (2023). The link between low self-esteem and eating disorders: A meta-analysis of longitudinal studies. *Clinical Psychological Science*, 11(6), 1141-1158.
- Kuster, F., & Orth, U. (2013). The long-term stability of self-esteem: Its time-dependent decay and nonzero asymptote. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 39(5), 677-690.
- Liu, B., Tian, L., Yang, S., Wang, X., & Luo, J. (2022). Effects of multidimensional self-esteems on health promotion behaviors in adolescents. *Frontiers in public health*, 10, 847740.
- Muris, P., & Otgaar, H. (2023). Self-esteem and self-compassion: A narrative review and meta-analysis on their links to psychological problems and well-being. *Psychology research and behavior management*, 2961-2975.
- Orth, U., & Robins, R. W. (2022). Is high self-esteem beneficial? Revisiting a classic question. *American psychologist*, 77(1), 5.
- Reitz, A. K. (2022). Self-esteem development and life events: A review and integrative process framework. *Social and Personality Psychology Compass*, 16(11), e12709.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image* (Vol. 11, p. 326). Princeton, NJ: Princeton university press.

Manuscrito 1 - Métodos de avaliação da autoestima infantojuvenil: uma revisão sistemática dos instrumentos disponíveis¹

Resumo

O presente estudo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática dos instrumentos utilizados para a avaliação da autoestima infantojuvenil, considerando suas propriedades psicométricas e a qualidade das evidências disponíveis. A revisão foi conduzida conforme diretrizes metodológicas internacionais, com base na taxonomia COSMIN e no sistema GRADE modificado. Foram identificados 736 registros, dos quais 40 estudos atenderam aos critérios de elegibilidade, resultando na análise de 26 instrumentos distintos. Os resultados indicaram ampla heterogeneidade entre os instrumentos, tanto em termos de estrutura teórica quanto de propriedades psicométricas. Observou-se predominância de evidências relacionadas à estrutura interna e à consistência interna, com menor frequência de estudos avaliando validade de conteúdo, estabilidade temporal e responsividade. A qualidade da evidência variou entre alta e muito baixa, sendo mais robusta em instrumentos com maior número de estudos e replicações. Adicionalmente, foram identificadas inconsistências na estrutura fatorial e sobreposição conceitual entre autoestima, autoconceito e construtos relacionados. Os resultados também evidenciaram limitações associadas ao uso predominante de escalas Likert em populações mais jovens, bem como à ausência de modelos teóricos integradores que orientem a construção dos instrumentos. Conclui-se que, embora exista um número expressivo de medidas disponíveis, a avaliação da autoestima infantojuvenil ainda apresenta fragilidades conceituais e psicométricas, indicando a necessidade de desenvolvimento de instrumentos com maior precisão teórica e metodológica.

Palavras-chave: autoestima; crianças; adolescentes; avaliação psicológica; psicometria

¹ A organização deste manuscrito, incluindo a definição das seções e subseções, seguiu as diretrizes do PROSPERO (International Prospective Register of Systematic Reviews) e as recomendações do COSMIN (*C*onsensus-based *S*tandards for the *s*election of health *M*easurement *I*nstruments) para revisões sistemáticas de instrumentos de medida, contemplando a estruturação dos métodos, a apresentação dos resultados por propriedades psicométricas e a síntese da qualidade da evidência.

Abstract

²This study aimed to conduct a systematic review of instruments used to assess self-esteem in children and adolescents, considering their psychometric properties and the quality of available evidence. The review followed international methodological guidelines, based on the COSMIN taxonomy and a modified GRADE approach. A total of 736 records were identified, of which 40 studies met the eligibility criteria, resulting in the analysis of 26 distinct instruments. The findings revealed substantial heterogeneity across instruments regarding both theoretical structure and psychometric properties. Evidence was predominantly focused on internal structure and internal consistency, while fewer studies addressed content validity, test–retest reliability, and responsiveness. The quality of evidence ranged from high to very low, with stronger evidence observed for instruments with a higher number of studies and replications. Additionally, inconsistencies in factor structure and conceptual overlap between self-esteem, self-concept, and related constructs were identified. The results also highlighted limitations associated with the widespread use of Likert-type scales in younger populations, as well as the absence of integrative theoretical models guiding instrument development. Overall, although a considerable number of measures are available, the assessment of self-esteem in children and adolescents still presents conceptual and psychometric limitations, indicating the need for more theoretically and methodologically robust instruments.

Keywords: self-esteem; children; adolescents; psychological assessment; psychometrics.

² The organization of this manuscript, including the definition of sections and subsections, followed the guidelines of PROSPERO (International Prospective Register of Systematic Reviews) and the recommendations of COSMIN (Consensus-based Standards for the Selection of Health Measurement Instruments) for systematic reviews of measurement instruments, encompassing the structuring of methods, the presentation of results by psychometric properties, and the synthesis of the quality of evidence.

Introdução

O conceito de autoestima possui múltiplas e complexas definições, o que dificulta a criação de instrumentos para mensurá-la e realizar estudos de evidências de validade e fidedignidade (Marrone et al., 2019). De forma geral, é a avaliação que o indivíduo faz de si, positiva ou negativa, considerando sua capacidade, seu valor pessoal e sua satisfação global com o *self* (Rosenberg, 1965).

Ela pode ser entendida como um traço relativamente estável, chamado de autoestima global, que representa a avaliação geral que o indivíduo faz de si mesmo. Também pode ser definida como autoestima situacional, caracterizada por mudanças temporárias associadas a experiências emocionalmente intensas. Além disso, a autoestima pode variar conforme domínios específicos, sendo influenciada por diferentes habilidades e atributos pessoais, o que justifica o uso de instrumentos com subescalas para avaliar múltiplas áreas (Brown & Marshall, 2006).

Não há modelos teóricos que descrevem de forma abrangente como a autoestima se desenvolve ao longo do ciclo vital. Portanto, as discussões teóricas tendem a se concentrar em períodos do desenvolvimento, como infância e adolescência, e em conceitos associados, como características gerais de personalidade (Orth et al., 2018).

A literatura aponta que o desenvolvimento sociocognitivo na infância contribui para diminuir autoavaliações excessivamente positivas e irreais, frequentemente observadas em crianças de 4 e 5 anos, e assim, começa a ter uma mudança de perspectiva em relação a si mesma. No início da adolescência pode haver um declínio na autoestima, mas tende a aumentar na transição para a vida adulta, em especial os domínios relacionados à maturação da personalidade, como habilidades acadêmicas, aceitação social e relacionamentos amorosos (Orth et al., 2021).

Na revisão de Orth e Robins (2022), evidências indicam que níveis mais elevados de autoestima estão associados a melhor adaptação e maior sucesso em diferentes áreas da vida, incluindo relacionamentos mais satisfatórios, melhor desempenho acadêmico e profissional, menor envolvimento em comportamentos antissociais e maior equilíbrio na saúde mental e física. Além disso, também parecem ocorrer em diferentes fases do desenvolvimento, em ambos os sexos e em diversos grupos raciais e étnicos.

Ao considerar os benefícios supracitados e como Wood et al. (2021) sinalizam como uma das lacunas no estudo da autoestima a ausência de instrumentos válidos e

disponíveis para a avaliação infantil de maneira geral. Torna-se relevante fazer o levantamento dos instrumentos disponíveis para o público infantojuvenil.

O presente estudo tem como objetivo realizar uma revisão sistemática dos instrumentos existentes que tem como propósito a avaliação da autoestima infantojuvenil, com restrição de idade até 18 anos, considerando as diferentes abordagens teóricas.

Método

A presente pesquisa consiste em uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL) sobre instrumentos destinados à avaliação da autoestima infantojuvenil. O estudo foi conduzido de acordo com as diretrizes do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA; Page et al., 2021), que orientam a transparência e a sistematização do processo de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão dos estudos. Previamente à execução da revisão, foi realizada a elaboração do protocolo de pesquisa, com definição da pergunta, dos critérios de elegibilidade, das estratégias de busca, dos procedimentos de extração e análise dos dados, bem como de sua forma de síntese. Esse protocolo foi posteriormente registrado, com o objetivo de assegurar maior transparência metodológica, reduzir o risco de viés e garantir a definição prévia das etapas da revisão.

Para alcançar os objetivos propostos, foram seguidas as seguintes etapas metodológicas: (1) elaboração da pergunta de pesquisa; (2) elaboração e registro do protocolo; (3) definição da estratégia de busca e levantamento da literatura; (4) triagem e seleção dos estudos com base em critérios de elegibilidade; (5) extração dos dados; (6) avaliação das propriedades psicométricas dos instrumentos; (7) análise e síntese dos dados; e (8) redação e apresentação dos resultados.

Os objetivos definidos para a revisão foram: identificar os instrumentos disponíveis para avaliação da autoestima infantojuvenil; analisar as propriedades psicométricas reportadas; sintetizar a qualidade da evidência disponível; e identificar lacunas na literatura relativas à avaliação da autoestima em crianças e adolescentes.

Critérios para Inclusão de Estudos nesta Revisão

Tipos de estudos

Foram considerados elegíveis os estudos que atenderam pelo menos um dos seguintes critérios: (1) avaliação de uma propriedade psicométrica e/ou (2) descrição de informações sobre o desenvolvimento de instrumentos. Também foram incluídos estudos que utilizaram instrumentos em processos de validação de outros instrumentos. Além disso, foram considerados apenas estudos publicados, em português e inglês, sem período de tempo definido.

Foram excluídos estudos que utilizaram instrumentos unicamente para triagem diagnóstica em contextos clínicos ou hospitalares (ex: emergências, serviços de proteção ao adulto), a menos aqueles que possuíam informações sobre seu desenvolvimento ou que avaliavam ao menos uma propriedade psicométrica.

Tipos de participantes

Foram incluídos estudos cuja amostra represente a população-alvo para a qual o instrumento foi desenvolvido ou validado, ou seja, instrumentos que tinham como foco a avaliação da população infantojuvenil, com restrição de idade até 18 anos, considerando suas características demográficas, clínicas e culturais pertinentes, com destaque para idade, sexo, condição de saúde e contexto de aplicação (comunidade, instituições, etc.).

Fenômeno de interesse

A estratégia PICO (População, Intervenção, Comparador/Controle e Outcome/desfecho) foi adaptada para a revisão sistemática, com a definição da pergunta de pesquisa sendo quais são os instrumentos psicológicos e as suas propriedades psicométricas de medidas aplicadas para a avaliação da autoestima infantojuvenil.

Desfechos primários e secundários

Os desfechos primários envolveram as propriedades psicométricas definidas pela taxonomia apresentada pelo *COnsensus-based Standards for the selection of health Measurement INstruments* (COSMIN; Mokkink et al., 2018b), são eles: desenvolvimento do instrumento; validade estrutural; consistência interna; validade transcultural / invariância de medida; confiabilidade; erro de medida; validade de critério; testes de hipóteses para validade de construto e responsividade.

Em relação aos desfechos secundários, foi esperado a definição do construto medido, ou seja, a autoestima infantojuvenil. Devido à variância de termos utilizados

em diferentes teorias, também foram considerados as definições que compreenderam autoestima, autoconceito e autoimagem como sinônimos. Além das características que compõem os instrumentos (idioma, formato, domínios/dimensões).

Contextos de aplicação

Foram incluídos estudos conduzidos em contextos comunitários ou institucionais (ex: residências assistidas, instituições de longa permanência, unidades de saúde coletiva), sem restrição geográfica.

Estratégia de Busca para Identificação dos Estudos

A estratégia de busca foi elaborada com o apoio de um especialista em revisão sistemática, conforme as diretrizes PRESS (*Peer Review of Electronic Search Strategies*). Foram utilizados descritores controlados (como termos de thesauri) e palavras-chave livres, estruturados com operadores booleanos (AND, OR, NOT) e truncamentos (*), com o objetivo de recuperar estudos relevantes com alta sensibilidade e especificidade.

A construção da estratégia resultou a combinação de três grupos principais de termos: termos referentes ao construto de interesse: “Autoestima infantojuvenil”; “auto-estima infanto-juvenil ” (escrita antes do Novo Acordo Ortográfico de 1990); “autoestima de crianças de adolescentes”; termos referentes ao construto de interesse em inglês: “Self-esteem of children and adolescents”; “Children's and adolescents' self-esteem”; termos relacionados a propriedades psicométricas (por exemplo: “validade” “confiabilidade”, “erro de medida”, “análise fatorial”, “responsividade”); termos relacionados a instrumentos de medida (por exemplo: “escala”, “questionário”, “instrumento de avaliação”, “medida padronizada”, “ferramenta de triagem”).

A estratégia foi testada e refinada em ciclos sucessivos, buscando otimizar a recuperação de registros relevantes. A adaptação da sintaxe foi realizada conforme os requisitos de cada base de dados ou plataforma consultada.

Além das bases bibliográficas acadêmicas convencionais, a busca incluiu repositórios especializados em instrumentos psicométricos: *PsychTests* (APA) – instrumentos psicológicos com dados psicométricos e, em alguns casos, conteúdo completo; *Measurement Instruments for the Social Sciences* (MISS) – repositório de instrumentos revisados por pares em ciências sociais. Outros repositórios institucionais

e nacionais também serão explorados, como: SATEPSI (CFP) – catálogo oficial de instrumentos aprovados para uso profissional no Brasil.

A busca foi complementada por: triagem manual de listas de referências dos estudos incluídos; busca por citações de estudos relevantes (*forward citation tracking*); contato com autores para identificação de instrumentos não publicados; revisão da literatura cinzenta, incluindo dissertações, teses, relatórios técnicos e instrumentos disponíveis em plataformas abertas como OSF, Figshare, Zenodo e Google Scholar (com filtros).

Estudos publicados em inglês e português foram considerados, sem restrição por data de publicação. As estratégias de busca completas, adaptadas para cada plataforma, foram apresentadas como apêndice do relatório final da revisão.

Outras fontes

Foi realizada busca na literatura cinzenta via Google Scholar (200 primeiros resultados), OpenAIRE, BASE, OAIster, e repositórios institucionais. Busca direta em periódicos especializados e contato com autores e especialistas também será feita.

Coleta e Análise dos Dados

Seleção dos estudos

Dois revisores realizaram, de forma independente, a triagem de títulos e resumos, e posteriormente dos textos completos. Divergências foram resolvidas por consenso ou por um terceiro revisor.

Extração dos dados

Dois revisores extraíram os dados de forma independente com uso de formulário padronizado. Sendo as informações coletadas: nome do instrumento; população-alvo; contexto de aplicação; propriedades psicométricas avaliadas; idiomas e traduções; resultados quantitativos e a forma de administração e tempo de resposta.

Avaliação metodológica e da qualidade dos estudos

Os resultados foram sintetizados por instrumento e por propriedade psicométrica, conforme a taxonomia proposta pelo COSMIN, considerando as evidências disponíveis para cada medida de autoestima infantojuvenil incluída na revisão. Para cada instrumento, as propriedades psicométricas avaliadas nos estudos

primários foram analisadas individualmente e, posteriormente, integradas em uma síntese qualitativa, permitindo a atribuição de um julgamento global por propriedade, de acordo com os critérios atualizados do COSMIN, classificados como suficiente (+), insuficiente (-), indeterminado (?) ou inconsistente (\pm).

A qualidade da evidência foi avaliada por meio do *Grading of Recommendations, Assessment, Development and Evaluation* (GRADE; Guyatt et al., 2008) modificado para estudos de propriedades de medida, conforme recomendado pelo COSMIN. Esse processo envolveu a avaliação da robustez do conjunto de evidências disponíveis para cada propriedade psicométrica de cada instrumento, resultando em classificações de qualidade como alta, moderada, baixa ou muito baixa.

A graduação da evidência considerou quatro dimensões principais. O risco de viés foi avaliado com base na qualidade metodológica dos estudos incluídos, conforme o checklist *COSMIN Risk of Bias* (Mokkink et al., 2018a), considerando aspectos como delineamento do estudo, adequação das análises estatísticas, tamanho amostral e clareza na descrição dos procedimentos. Estudos classificados como duvidosos ou inadequados contribuíram para o rebaixamento da qualidade da evidência.

A inconsistência foi analisada a partir da variabilidade dos resultados entre estudos que avaliaram a mesma propriedade psicométrica. Resultados divergentes, como diferentes estruturas fatoriais ou coeficientes de consistência interna discrepantes entre estudos, foram considerados indicativos de inconsistência e implicaram redução no nível de evidência.

A imprecisão foi considerada em função do tamanho das amostras, da estabilidade das estimativas e da ausência de intervalos de confiança ou medidas de erro associadas aos parâmetros psicométricos. Amostras reduzidas ou resultados com elevada variabilidade contribuíram para a diminuição da confiança na evidência.

Por fim, a unidirecionalidade (ou coerência dos resultados) foi avaliada com base na direção dos efeitos observados nos estudos. Evidências consistentes no mesmo sentido (por exemplo, coeficientes de confiabilidade adequados ou associações convergentes teoricamente esperadas) contribuíram para a manutenção ou elevação da qualidade da evidência, enquanto resultados contraditórios implicaram rebaixamento.

A classificação final da qualidade da evidência para cada propriedade psicométrica resultou da integração dessas dimensões, seguindo uma lógica cumulativa de rebaixamento. Dessa forma, evidências inicialmente consideradas de alta qualidade

puderam ser reclassificadas como moderadas, baixas ou muito baixas, conforme a presença de limitações metodológicas, inconsistências ou imprecisões.

Registro

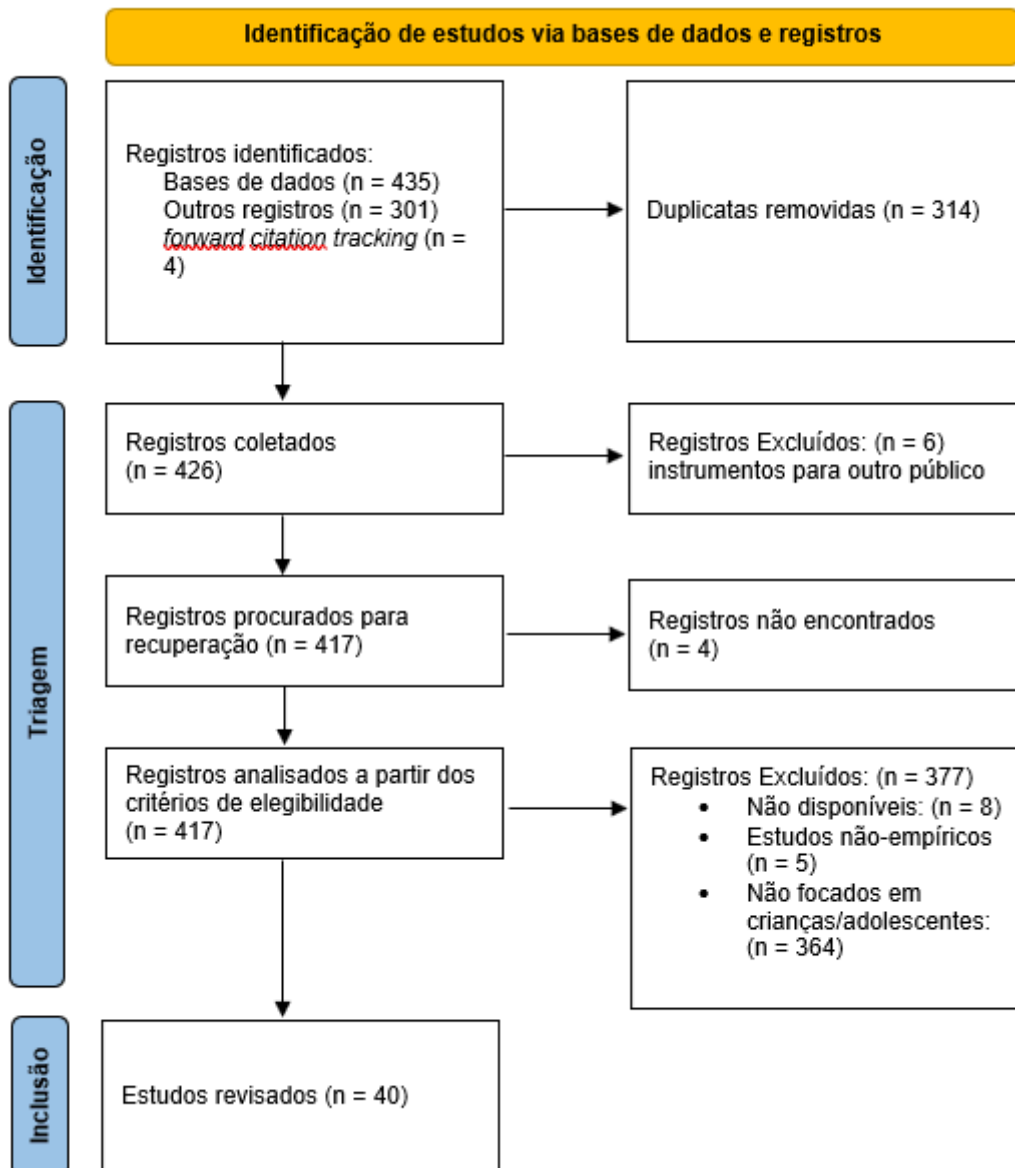
O protocolo dessa revisão foi no PROSPERO sob o número CRD420261303274, como forma de garantir transparência, reduzir o risco de viés e assim assegurar a definição metodológica prévia.

Resultados

A busca nas bases de dados e registros resultou em 736 registros, sendo 435 provenientes de bases bibliográficas e 301 de registros (Figura 1). Adicionalmente, foram identificados 4 registros por meio de outras fontes, especificamente por busca em listas de referências (*forward citation tracking*).

Figura 1

Fluxo de seleção dos estudos conforme o modelo PRISMA 2020



Antes da etapa de triagem, foram identificados 740 registros, sendo 435 provenientes de bases de dados, 301 de outros registros e 4 por busca de citações. Após a remoção de 314 duplicatas, restaram 426 registros coletados, dos quais 6 foram excluídos por se referirem aos instrumentos destinados a outro público. Na etapa seguinte, 417 registros foram considerados para recuperação, sendo 4 não encontrados. Assim, 417 registros foram analisados quanto aos critérios de elegibilidade. Desses, 377 foram excluídos, sendo 8 por indisponibilidade do texto completo, 5 por não se tratarem de estudos empíricos e 364 por não serem focados em crianças e adolescentes. Ao final do processo, 40 estudos foram incluídos na revisão sistemática, compondo a base de

evidências analisadas. Após a exclusão de duplicidades, foram identificados 26 instrumentos distintos (Tabela 1).

Tabela 1

Síntese dos Instrumentos de Avaliação da Autoestima Infantojuvenil e suas Evidências Psicométricas

Instrumento	n	Análises psicométricas	Tipos de evidência de validade
Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR)	15	AFE, CFA, consistência interna, invariância (alguns estudos)	Estrutura interna, validade convergente/discriminante
Self-Perception Profile for Children (SPPC)	3	AFE, consistência interna	Estrutura interna, validade de construto
Escala de Autoconceito e Autoestima para Pré-adolescentes (EAAPA)	2	AFE, consistência interna	Estrutura interna, validade de construto
Inventário de Autoestima de Coopersmith (SEI)	2	Consistência interna, análises descritivas	Evidência limitada de construto
Escala Lêvitude	1	Consistência interna	Evidência insuficiente
Escala de Cognições Acadêmicas Autorreferentes	1	AFE, CFA, consistência interna	Estrutura interna, validade convergente
Escala de avaliação do autoconceito de adolescentes (Piers-Harris reduzida)	1	AFE, consistência interna	Estrutura interna
Piers-Harris Children Self-Concept Scale (PHSCS)	1	AFE, consistência interna, teste-reteste	Estrutura interna, validade convergente
Escala de Autoconceito Multidimensional	1	AFE, CFA, consistência interna	Estrutura interna, validade de construto
Auto-Conceito Forma 5 (AF5)	1	AFE, consistência interna	Estrutura interna
Escala de autoconceito de Piers-Harris	1	Consistência interna	Evidência insuficiente
Inventário dos Esquemas de Gênero do Autoconceito	1	AFE, consistência interna	Estrutura interna
Escala de Autoconceito Infanto-Juvenil (EAC-IJ)	1	AFE, consistência interna	Estrutura interna
Short-Form State Self-Esteem Scale (SSES-S)	1	CFA, consistência interna	Estrutura interna
Piers-Harris Self-Concept Scale 2 (PHSCS-2)	1	CFA, consistência interna	Estrutura interna
Self-Description Questionnaire I (SDQ-I)	1	CFA, consistência interna	Estrutura interna
Child Self-View Questionnaire (CSVQ)	1	Consistência interna	Evidência limitada
Self-Esteem Scale for Children (SESC)	1	Consistência interna	Evidência limitada
Rifai's Self-Esteem Scale	1	Consistência interna	Evidência limitada
Escala de Auto percepção de Harter para Adolescentes (EAPH-A)	1	AFE, consistência interna	Estrutura interna
Self-Esteem Questionnaire (SEQ)	1	CFA, consistência interna	Estrutura interna
State Self-Esteem Scale (SSES)	1	Consistência interna	Evidência limitada
Harter Self-Esteem Questionnaire	1	AFE, consistência interna	Estrutura interna
Perceived Competence Scale for Children	1	AFE, consistência interna	Estrutura interna
Lawrence Self-Esteem Questionnaire (LAWSEQ)	1	Consistência interna	Evidência limitada
Hare Self-Esteem Scale	1	Consistência interna	Evidência limitada

Observou-se predominância de instrumentos clássicos amplamente difundidos internacionalmente, como a Escala de Autoestima de Rosenberg, o Self-Perception Profile for Children e o Inventário de Autoestima de Coopersmith, além de instrumentos desenvolvidos ou adaptados em contextos específicos, como a Escala de Cognições Acadêmicas Autorreferentes (Costa et al., 2017) e a Escala de Autoconceito Multidimensional (Sarriera et al., 2015).

Caracterização dos instrumentos e dos estudos

Os instrumentos identificados apresentaram ampla heterogeneidade quanto à sua estrutura teórica e dimensionalidade. Instrumentos como a Escala de Autoestima de Rosenberg foram majoritariamente tratados como medidas unidimensionais ou bifatoriais (Romano et al., 2007; Sbicigo et al., 2010; Tolentino et al., 2015; Spyropoulou et al., 2021; Wu et al., 2016), enquanto outros adotaram modelos multidimensionais, como a Escala de Autoconceito Multidimensional (Sarriera et al., 2015), a EAAPA (Peixoto et al., 2017) e o Auto-Conceito Forma 5 (Coelho et al., 2015).

Além disso, verificou-se diversidade no número de fatores e dimensões avaliadas, variando desde estruturas unifatoriais, como no Self-Perception Profile for Children em sua subescala de autoestima global (Gaspar et al., 2010), até modelos mais complexos com múltiplos domínios, como a Escala Lêvitudo, composta por oito fatores (Oliveira & Assumpção Junior, 2024).

Em termos de população-alvo, a maioria dos estudos foi conduzida com amostras não clínicas, em contextos escolares (Romano et al., 2007; Sbicigo et al., 2010; Sarriera et al., 2015; Peixoto et al., 2017), embora também tenham sido identificados estudos com populações específicas, como crianças com deficiência intelectual leve (Spyropoulou et al., 2021) e crianças em idade pré-escolar (Jia & Schoppe-Sullivan, 2016).

Propriedades psicométricas avaliadas

As propriedades psicométricas mais frequentemente avaliadas foram a estrutura interna e a consistência interna, evidenciando a centralidade das análises fatoriais e dos coeficientes de confiabilidade na literatura.

A estrutura interna foi investigada por meio de análises fatoriais exploratórias e confirmatórias em diversos estudos. Por exemplo, a Escala de Autoestima de Rosenberg foi submetida a análises fatoriais confirmatórias com diferentes modelagens, incluindo

estruturas bifatoriais e modelos com efeitos de método (Sbicigo et al., 2010; Tolentino et al., 2015; Wu et al., 2016; Syropoulou et al., 2021). De forma semelhante, a EAAPA foi avaliada por meio de modelos multifatoriais e bifatoriais, com comparação entre diferentes estruturas teóricas (Peixoto et al., 2017).

Instrumentos mais recentes ou desenvolvidos em contextos específicos também apresentaram análises estruturais, como a Escala de Cognitiones Acadêmicas Autorreferentes, que utilizou modelagem de equações estruturais (Costa et al., 2017), e a Short-Form State Self-Esteem Scale, que incorporou análises fatoriais, invariância multigrupo e Teoria de Resposta ao Item (Kurnaz & Koçtürk, 2026).

A consistência interna foi amplamente reportada, predominantemente por meio do alfa de Cronbach. Valores adequados foram observados em diversos instrumentos, como na Escala de Autoconceito Multidimensional (Sarriera et al., 2015) e na EAAPA (Peixoto et al., 2017), enquanto outros instrumentos apresentaram coeficientes mais baixos ou heterogêneos entre fatores, como na escala derivada do Piers-Harris em contexto moçambicano (Campira et al., 2013) e no Inventário de Autoestima de Coopersmith (Janeiro, 2008).

Em contraste, outras propriedades psicométricas foram menos frequentemente avaliadas. A estabilidade temporal foi examinada em poucos estudos, como na EAAPA, com intervalo de 12 meses (Peixoto et al., 2017), no PHCSCS com coeficiente de correlação intraclasse elevado (Medeiros et al., 2015), e no CSVQ, com avaliação longitudinal entre 4 e 5 anos (Jia & Schoppe-Sullivan, 2016).

A validade de conteúdo foi raramente descrita de forma sistemática. Quando presente, esteve associada a procedimentos iniciais de construção ou adaptação, como revisão por especialistas e análise semântica (Costa et al., 2017; Spyropoulou et al., 2021), embora frequentemente sem detalhamento suficiente.

A validade de construto, especialmente na forma convergente, foi avaliada em diversos estudos por meio de correlações com outras medidas. Por exemplo, o PHCSCS apresentou correlação negativa com indicadores de sofrimento psicológico (Medeiros et al., 2015), enquanto a SSES-S apresentou correlações consistentes com a Escala de Autoestima de Rosenberg (Kurnaz & Koçtürk, 2026). No CSVQ, relações entre dimensões do autoconceito e indicadores comportamentais foram examinadas por meio de modelagem estrutural (Jia & Schoppe-Sullivan, 2016).

Síntese das propriedades psicométricas segundo o COSMIN

A Tabela 2 apresenta a síntese das propriedades psicométricas dos instrumentos com base nos critérios do COSMIN.

Tabela 2

Avaliação das Propriedades Psicométricas dos Instrumentos de Autoestima Infantojuvenil segundo o COSMIN e Qualidade da Evidência (GRADE modificado)

Instrumento	EI	CI	EST	VC	VCD	RES	Qualidade da evidência
Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR)	±	+	?	-	+	?	Moderada
Self-Perception Profile for Children (SPPC)	±	+	?	?	±	?	Baixa
Escala de Autoconceito e Autoestima para Pré-adolescentes (EAAPA)	±	+	?	?	±	?	Baixa
Inventário de Autoestima de Coopersmith (SEI)	-	±	?	-	?	?	Muito baixa
Escala Lêvitude	-	-	?	-	?	?	Muito baixa
Escala de Cognições Acadêmicas Autorreferentes	+	+	?	?	+	?	Moderada
Piers-Harris (versão reduzida)	±	+	?	?	±	?	Baixa
Piers-Harris Children Self-Concept Scale (PHSCS)	+	+	+	?	+	?	Alta
Escala de Autoconceito Multidimensional	+	+	?	?	+	?	Moderada
Auto-Conceito Forma 5 (AF5)	+	+	?	?	±	?	Moderada
Escala de autoconceito de Piers-Harris	-	-	?	-	?	?	Muito baixa
Inventário dos Esquemas de Gênero do Autoconceito	±	+	?	?	±	?	Baixa
Escala de Autoconceito Infanto-Juvenil (EAC-IJ)	±	+	?	?	±	?	Baixa
SSES – Short Form	+	+	?	?	+	?	Moderada
PHSCS-2	±	+	?	?	±	?	Baixa
SDQ-I	+	+	?	?	+	?	Moderada
Child Self-View Questionnaire (CSVQ)	-	±	?	-	?	?	Muito baixa
Self-Esteem Scale for Children (SESC)	-	±	?	-	?	?	Muito baixa
Rifai's Self-Esteem Scale	±	+	?	?	±	?	Baixa
Escala de Auto percepção de Harter (EAPH-A)	±	+	?	?	±	?	Baixa
Self-Esteem Questionnaire (SEQ)	+	+	?	?	+	?	Moderada
State Self-Esteem Scale (SSES)	±	+	?	?	±	?	Baixa
Harter Self-Esteem Questionnaire	+	+	?	?	+	?	Moderada
Perceived Competence Scale for Children	+	+	?	?	+	?	Moderada
LAWSEQ	-	±	?	-	?	?	Muito baixa
Hare Self-Esteem Scale	-	±	?	-	?	?	Muito baixa

Nota. EI = Estrutura interna; CI = Consistência interna; EST = Estabilidade (teste-reteste); VC = Validade de conteúdo; VCD = Validade convergente/discriminante; + = suficiente; - = insuficiente; ± = inconsistente; ? = indeterminado. A avaliação das propriedades psicométricas

A consistência interna apresentou maior frequência de classificações como suficiente (+), sendo observada em diversos instrumentos com coeficientes adequados, como na Escala de Autoconceito Multidimensional (Sarriera et al., 2015), na EAAPA (Peixoto et al., 2017) e na Escala de Cognições Acadêmicas Autorreferentes (Costa et al., 2017).

A estrutura interna apresentou maior variabilidade, com classificações que variaram entre suficiente (+), inconsistente (\pm) e insuficiente (-). Em alguns casos, modelos fatoriais apresentaram bons índices de ajuste, mas com cargas fatoriais baixas ou inconsistentes entre itens, como observado na EAAPA (Peixoto et al., 2017) e na Escala de Autoestima de Rosenberg em diferentes estudos (Romano et al., 2007; Tolentino et al., 2015).

A estabilidade temporal foi predominantemente classificada como indeterminada (?), em função da escassez de estudos que investigaram essa propriedade. Quando avaliada, apresentou resultados variáveis, desde correlações moderadas (Peixoto et al., 2017) até coeficientes elevados de reprodutibilidade (Medeiros et al., 2015). A validade de conteúdo foi majoritariamente classificada como insuficiente (-) ou indeterminada (?), uma vez que a maioria dos estudos não descreveu de forma detalhada os procedimentos de construção dos itens ou a participação da população-alvo nesse processo.

A validade de construto apresentou resultados predominantemente suficientes (+) ou inconsistentes (\pm), com base nas análises de correlação e modelagem estrutural. Em estudos como Jia e Schoppe-Sullivan (2016), foram observadas associações entre dimensões do autoconceito e indicadores de ajustamento socioemocional, enquanto outros estudos apresentaram resultados menos consistentes.

Qualidade da evidência (GRADE modificado)

A qualidade da evidência, apresentada na Tabela 2, variou entre alta, moderada, baixa e muito baixa. Instrumentos com maior número de estudos e análises mais robustas apresentaram níveis de evidência mais elevados, como a Escala de Autoconceito Multidimensional (Sarriera et al., 2015) e o PHCSCS (Medeiros et al., 2015).

Por outro lado, instrumentos com limitações metodológicas, como ausência de análises fatoriais adequadas, baixa representatividade amostral ou ausência de evidências externas, apresentaram classificações de evidência mais baixas, como o Inventário de Autoestima de Coopersmith (Janeiro, 2008) e a Escala Lêvitude (Oliveira & Assumpção Junior, 2024). A classificação da qualidade da evidência foi influenciada por fatores como risco de viés, inconsistência entre resultados, ausência de replicações e limitação na avaliação de propriedades psicométricas recomendadas pelo COSMIN.

Discussão

Os resultados desta revisão evidenciam que a avaliação da autoestima infantojuvenil se caracteriza por uma combinação de diversidade instrumental e fragilidade na consolidação das evidências psicométricas, o que pode ser compreendido a partir da própria instabilidade conceitual do construto. A heterogeneidade observada entre os instrumentos, tanto em termos de dimensionalidade quanto de propriedades psicométricas, não parece ser apenas um problema metodológico, mas um reflexo direto da ausência de consenso teórico sobre o que constitui a autoestima e como ela deve ser operacionalizada (Marrone et al., 2019).

Essa indefinição conceitual ajuda a explicar por que instrumentos amplamente utilizados, como a Escala de Autoestima de Rosenberg, apresentaram resultados inconsistentes quanto à sua estrutura interna entre diferentes estudos incluídos na revisão. Enquanto alguns estudos sustentaram modelos unidimensionais ou bifatoriais com bons índices de ajuste, outros indicaram problemas relacionados a efeitos de método e instabilidade estrutural. Esse padrão é compatível com a interpretação de que a autoestima, embora frequentemente tratada como um construto global, incorpora dimensões distintas que nem sempre são capturadas adequadamente por modelos fatoriais tradicionais (Brown & Marshall, 2006).

Além disso, a coexistência, na mesma revisão, de instrumentos unidimensionais e multidimensionais, como observado entre a Escala de Autoestima de Rosenberg, a EAAPA e a Escala de Autoconceito Multidimensional, sugere que diferentes estudos estão, potencialmente, mensurando constructos não equivalentes sob a mesma denominação de autoestima. Esse fenômeno contribui para a inconsistência das evidências, particularmente nos testes de validação de construtos, nos quais relações esperadas nem sempre se replicam de forma estável entre instrumentos.

A limitação de modelos teóricos integradores do desenvolvimento da autoestima (Orth et al., 2018) também fornece um elemento interpretativo importante para os resultados encontrados. A ausência de um referencial desenvolvimental claro pode contribuir para a elaboração de instrumentos que não consideram adequadamente as mudanças cognitivas e socioemocionais ao longo da infância e adolescência. Isso pode explicar, em parte, a variabilidade observada nos índices psicométricos, especialmente em estudos com faixas etárias distintas ou com populações em diferentes estágios de desenvolvimento.

Um dos elementos mais relevantes observados nos resultados diz respeito à forma como os diferentes instrumentos operacionalizam os fatores da autoestima, evidenciando que as variações psicométricas identificadas não são apenas metodológicas, mas refletem divergências teóricas na definição do construto. Conforme apresentado na Tabela 1, instrumentos amplamente utilizados, como a Escala de Autoestima de Rosenberg, assumem uma estrutura predominantemente unidimensional ou bifatorial (Romano et al., 2007; Sbicigo et al., 2010; Tolentino et al., 2015; Wu et al., 2016; Spyropoulou et al., 2021), enquanto outros instrumentos adotam abordagens multidimensionais, como a Escala de Autoconceito Multidimensional (Sarriera et al., 2015), a EAAPA (Peixoto et al., 2017) e o Auto-Conceito Forma 5 (Coelho et al., 2015).

Essa distinção implica diferentes concepções sobre a natureza da autoestima. Instrumentos unidimensionais partem da ideia de um julgamento global do self (Rosenberg, 1965), o que tende a produzir estruturas fatoriais mais simples, porém mais suscetíveis a efeitos de método e instabilidade estrutural, como evidenciado pelas classificações inconsistentes (\pm) na estrutura interna da Escala de Rosenberg (Sbicigo et al., 2010; Tolentino et al., 2015). Esse padrão tem sido discutido na literatura como decorrente da coexistência de itens positivos e negativos, que podem introduzir artefatos fatoriais independentes do construto (Supple et al., 2012; Wu et al., 2016).

Por outro lado, instrumentos multidimensionais se baseiam na concepção de que a autoestima resulta da integração de avaliações específicas em diferentes domínios do self, como competência acadêmica, aceitação social e atributos pessoais (Harter, 1982; Brown & Marshall, 2006). No entanto, os resultados desta revisão indicam que essa maior complexidade estrutural não se traduz necessariamente em maior qualidade psicométrica. A EAAPA, por exemplo, apresentou inconsistências na estrutura interna e na validade de construto (Peixoto et al., 2017), sugerindo que a divisão em múltiplos fatores pode introduzir problemas adicionais quando não sustentada por um modelo teórico suficientemente integrado.

Observa-se, ainda, que diversos instrumentos incorporam fatores que extrapolam a autoestima em sentido estrito, incluindo dimensões como autoeficácia, cognições acadêmicas e bem-estar psicológico. Esse fenômeno é evidente na Escala de Cognições Acadêmicas Autorreferentes (Costa et al., 2017) e na Escala Lêvitudo (Oliveira & Assumpção Junior, 2024), nas quais a autoestima aparece articulada a outros construtos motivacionais e emocionais. Tal ampliação sugere uma tendência à hibridização conceitual, em que a autoestima deixa de ser tratada como um construto específico e

passa a funcionar como um indicador mais amplo de funcionamento psicológico, o que pode comprometer a precisão das inferências.

Essa sobreposição entre construtos também é discutida por Marrone et al. (2019), que apontam a dificuldade em delimitar empiricamente a autoestima em relação a construtos próximos, como autoconceito e autoeficácia. Nos resultados desta revisão, essa dificuldade se manifesta na variabilidade das evidências de validade de construto, que, conforme apresentado na Tabela 2, oscilaram entre classificações suficientes (+) e inconsistentes (\pm), indicando que as relações esperadas entre os instrumentos e variáveis externas nem sempre se mantêm de forma estável.

Outro ponto relevante refere-se à influência do desenvolvimento na organização dos fatores. Estudos indicam que a estrutura do autoconceito e da autoestima se torna progressivamente mais diferenciada ao longo do desenvolvimento (Orth et al., 2021). Esse aspecto ajuda a interpretar a maior frequência de classificações indeterminadas (?) e inconsistentes (\pm) observadas em instrumentos aplicados a populações mais jovens, nos quais os fatores ainda podem não estar claramente definidos ou diferenciados. Resultados de estudos com crianças em idade pré-escolar, como Jia e Schoppe-Sullivan (2016), reforçam essa interpretação ao evidenciar dificuldades na estabilização de estruturas latentes nessa faixa etária.

Adicionalmente, a predominância de análises baseadas em AFE e AFC indica que a definição dos fatores tem sido orientada majoritariamente por critérios estatísticos, o que pode levar à identificação de estruturas fatoriais dependentes da amostra e pouco generalizáveis. Esse aspecto pode contribuir para a inconsistência observada entre estudos, especialmente em instrumentos amplamente utilizados, como a Escala de Rosenberg, cuja estrutura varia em função de características culturais e contextuais (Supple & Plunkett, 2010; Wu et al., 2016).

Nesse sentido, os resultados da revisão indicam que instrumentos aplicados em populações mais jovens tendem a apresentar maior instabilidade psicométrica, o que pode ser interpretado à luz das mudanças no padrão de autoavaliação ao longo do desenvolvimento. Evidências indicam que crianças mais novas apresentam autoavaliações mais positivas e menos diferenciadas, tornando-se progressivamente mais realistas e estruturadas com o avanço da idade (Orth et al., 2021). Esse processo pode afetar diretamente a estrutura interna dos instrumentos e a consistência das respostas, contribuindo para resultados classificados como inconsistentes ou indeterminados.

A predominância de evidências relacionadas à consistência interna, em contraste com a escassez de estudos sobre validade de conteúdo, estabilidade temporal e responsividade, também pode ser interpretada à luz das práticas tradicionais de validação em psicometria. A centralidade do alfa de Cronbach nos estudos incluídos sugere uma tendência à validação baseada em critérios estatísticos de fácil aplicação, em detrimento de uma abordagem mais abrangente das propriedades de medida. Essa limitação é particularmente relevante quando se considera que a validade de conteúdo é apontada como um elemento fundamental para a construção de instrumentos robustos, sendo a base para as demais formas de validade.

Outro aspecto relevante refere-se à variabilidade na qualidade da evidência entre os instrumentos. Instrumentos mais consolidados, com maior número de estudos e replicações, apresentaram níveis mais elevados de evidência, enquanto instrumentos mais recentes ou menos investigados apresentaram classificações mais baixas. Esse padrão está em consonância com a literatura que destaca a importância da replicação e da acumulação de evidências para a consolidação de medidas psicológicas.

A relação entre autoestima e desfechos positivos em diferentes áreas da vida, como ajustamento psicológico, desempenho acadêmico e relações interpessoais (Orth & Robins, 2022), reforça a relevância da utilização de instrumentos com evidências psicométricas robustas. No entanto, os resultados desta revisão indicam que a qualidade dessas evidências ainda é desigual, o que pode comprometer a interpretação dos resultados em estudos empíricos e aplicações práticas.

Nesse contexto, a lacuna apontada por Wood et al. (2021), referente à escassez de instrumentos válidos para avaliação da autoestima em crianças, não se limita à ausência de medidas, mas se estende à qualidade e à consistência das evidências disponíveis. Embora a revisão tenha identificado um número considerável de instrumentos, muitos deles apresentam limitações que dificultam sua recomendação para uso em contextos aplicados.

Outro padrão relevante identificado nos resultados refere-se aos instrumentos mais antigos, que, de modo geral, apresentam maior tradição de uso e acúmulo de evidências, ainda que nem sempre com rigor metodológico equivalente aos padrões atuais. Instrumentos clássicos, como a Escala de Autoestima de Rosenberg (Rosenberg, 1965), o Inventário de Autoestima de Coopersmith (Coopersmith, 1967; Gobitta & Guzzo, 2002) e as escalas derivadas do modelo de Harter (Harter, 1982), foram amplamente utilizados ao longo das décadas e aparecem com maior número de estudos

na Tabela 1, especialmente no caso da Escala de Rosenberg . Esse acúmulo contribui para maior volume de evidências empíricas e, conseqüentemente, para classificações de evidência mais elevadas em alguns casos, como observado na Tabela 2. No entanto, parte dessas evidências foi produzida em contextos nos quais os critérios de validação eram menos rigorosos do que os atualmente recomendados por diretrizes como o COSMIN, com ênfase predominante em consistência interna e análises fatoriais exploratórias.

Esse aspecto pode explicar por que, mesmo sendo amplamente utilizados, alguns desses instrumentos apresentam limitações importantes, como evidências insuficientes de validade de conteúdo e inconsistências na estrutura interna, conforme observado para o SEI e, em menor grau, para a própria escala de Rosenberg (Sbicigo et al., 2010; Tolentino et al., 2015). Por outro lado, o uso contínuo desses instrumentos em diferentes contextos culturais e amostras permitiu a realização de análises mais sofisticadas em estudos recentes, incluindo modelagem confirmatória, invariância e avaliação de efeitos de método (Supple et al., 2012; Wu et al., 2016), o que demonstra um processo de refinamento metodológico progressivo. Assim, os resultados sugerem que os instrumentos mais antigos ocupam uma posição ambígua: por um lado, constituem a base empírica do campo; por outro, refletem limitações históricas que demandam reavaliação à luz dos critérios psicométricos contemporâneos.

Um aspecto metodológico que merece destaque diz respeito ao predomínio do uso de escalas do tipo Likert nos instrumentos identificados. Embora esse formato seja amplamente utilizado em avaliação psicológica, sua adequação para populações infantojuvenis, especialmente em idades mais precoces, deve ser analisada com cautela. Os resultados desta revisão indicam que a maior parte dos instrumentos emprega escalas Likert ou variações desse formato, mesmo em contextos nos quais as habilidades cognitivas e linguísticas dos respondentes ainda estão em desenvolvimento. Esse dado é consistente com evidências que indicam que crianças mais jovens apresentam dificuldades na compreensão de gradações abstratas de resposta e na diferenciação entre categorias intermediárias, especialmente quando estas exigem julgamento ordinal refinado (Borgers et al., 2004; Chambers & Johnston, 2002; Mellor & Moore, 2014).

Essa limitação pode impactar diretamente a qualidade dos dados obtidos, contribuindo para padrões de resposta menos diferenciados, maior uso de categorias extremas ou respostas inconsistentes ao longo dos itens (Borgers et al., 2004; Krosnick & Presser, 2010). Esse fenômeno pode ajudar a explicar, ao menos em parte, a

variabilidade observada nas propriedades psicométricas, especialmente em termos de estrutura interna e consistência das respostas. Adicionalmente, estudos indicam que a complexidade do formato de resposta pode influenciar não apenas a confiabilidade, mas também a validade das medidas em populações infantis, uma vez que a interpretação das categorias depende de habilidades cognitivas ainda em desenvolvimento (de Leeuw et al., 2004).

Nesse contexto, instrumentos que utilizam formatos alternativos, como respostas dicotômicas, escalas visuais (por exemplo, faces) ou tarefas baseadas em desempenho, podem apresentar vantagens em determinadas faixas etárias, sobretudo quando alinhados ao nível de desenvolvimento do público-alvo (Chambers & Johnston, 2002; Mellor & Moore, 2014). Assim, os resultados sugerem a necessidade de maior atenção à adequação do formato de resposta ao desenvolvimento cognitivo, não apenas como uma decisão operacional, mas como um elemento central da validade do instrumento.

De forma integrada, os resultados sugerem que os desafios na avaliação da autoestima infantojuvenil estão menos relacionados à quantidade de instrumentos disponíveis e mais à qualidade conceitual e psicométrica das medidas existentes. A ausência de clareza teórica, associada a práticas metodológicas limitadas, contribui para a produção de evidências fragmentadas e, por vezes, inconsistentes.

Considerações Finais

A presente revisão sistemática identificou um conjunto expressivo de instrumentos destinados à avaliação da autoestima infantojuvenil, evidenciando a relevância e o interesse crescente pelo construto. No entanto, os resultados indicam que a produção científica na área ainda apresenta limitações importantes em termos de precisão conceitual e robustez psicométrica.

Observou-se que, embora existam instrumentos amplamente utilizados e com acúmulo de evidências, a qualidade dessas evidências é heterogênea, com predominância de estudos focados em estrutura interna e consistência interna, e menor atenção a propriedades fundamentais, como validade de conteúdo, estabilidade temporal e responsividade. Essa distribuição sugere que muitos instrumentos ainda não passaram por processos completos de validação, conforme recomendado pelas diretrizes internacionais.

Além disso, a sobreposição conceitual entre autoestima, autoconceito e construtos relacionados contribui para a produção de medidas que, embora denominadas

de forma semelhante, avaliam aspectos distintos do funcionamento psicológico. Essa imprecisão conceitual limita a comparabilidade entre estudos e compromete a interpretação dos resultados.

Diante desse cenário, destaca-se a necessidade de desenvolvimento de instrumentos que apresentem maior precisão teórica e psicométrica, incluindo: (a) definição clara e operacional do construto; (b) processos rigorosos de construção de itens, com base em validade de conteúdo; (c) avaliação abrangente das propriedades psicométricas, incluindo invariância, estabilidade e responsividade; e (d) adequação do formato de resposta às características desenvolvimentais do público-alvo.

Adicionalmente, recomenda-se o investimento em estudos de replicação e validação transcultural, de modo a fortalecer a generalização das evidências e permitir comparações entre diferentes contextos. A incorporação de abordagens metodológicas mais avançadas, como modelos baseados na Teoria de Resposta ao Item, também pode contribuir para o refinamento das medidas e para uma compreensão mais precisa do funcionamento dos itens.

Referências³

- *Bandeira, M., et al. (2008). Escala de autopercepção de Harter para adolescentes: Um estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 24(3), 341–345.
<https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000300010>
- Borgers, N., de Leeuw, E., & Hox, J. (2004). Children as respondents in survey research: Cognitive development and response quality. *Bulletin de Méthodologie Sociologique*, 84(1), 60–75.
- Brown, J. D. & Marshall, M. A. (2006). The Three Faces of Self-Esteem. In Kernis, M., H. (Ed.), *Self-Esteem Issues and Answers: A Sourcebook of Current Perspectives* (1º ed., pp. 4 - 5). Psychology Press.
- *Campira, F., Araújo, A. M., & Almeida, L. S. . (2013). Construção e validação de uma escala de autoconceito para adolescentes moçambicanos. *Revista Amazônica*, 11(1), 26-46. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4709946.pdf>
- Chambers, C. T., & Johnston, C. (2002). Developmental differences in children’s use of rating scales. *Journal of Pediatric Psychology*, 27(1), 27–36.
- *Coelho, V. A., Sousa, V., Marchante, M. & Romão, A. M. (2015). Validação do questionário Autoconceito Forma 5 numa amostra de crianças e adolescentes portugueses. (2015). *Revista INFAD De Psicología. International Journal of Developmental and Educational Psychology.*, 1(1), 67-78. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2015.n1.v1.11>
- *Confalonieri, E., Gatti, E., Ionio, C., & Traficante, D. (2008). Body esteem scale: Validation on Italian adolescents. *TPM – Testing, Psychometrics, Methodology in Applied Psychology*, 15(3), 153-165.
<https://www.tpmmap.org/wp-content/uploads/2014/11/15.3.3.pdf>
- *Costa, M. A., et al. (2017). Validade da Escala de Cognações Acadêmicas Autorreferentes: Autoconceito, autoeficácia, autoestima e valor. *Avaliação Psicológica*. <https://doi.org/10.15689/ap.2017.1601.10>
- *de Leeuw, E. D., Borgers, N., & Smits, A. (2004). Pretesting questionnaires for children and adolescents. In S. Presser et al. (Eds.), *Methods for testing and evaluating survey questionnaires* (pp. 409–429). Wiley.
- *Gaspar, T., Ribeiro, J. L. P., Matos, M. G., Leal, I., & Ferreira, A. (2010). Estudo da auto-estima em crianças e adolescentes portugueses: Impacto de factores sociais e

³ As referências marcadas com asterisco (*) na lista de referências indicam os estudos incluídos na presente revisão sistemática.

- pessoais. *Revista Amazônica*, 5(2), 57–83.
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4028721.pdf>
- *Gobitta, M., & Guzzo, R. S. L.. (2002). Estudo inicial do inventário de Auto-Estima (SEI): Forma A. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 15(1), 143–150.
<https://doi.org/10.1590/S0102-79722002000100016>
- *Guerin, S., & Tatlow-Golden, M. (2019). How valid are measures of children's self-concept/self-esteem? *Child Indicators Research*, 12, 1507–1528.
<https://doi.org/10.1007/s12187-018-9576-x>
- Guyatt, G. H., Oxman, A. D., Vist, G. E., Kunz, R., Falck-Ytter, Y., Alonso-Coello, P., & Schünemann, H. J. (2008). GRADE: An emerging consensus on rating quality of evidence and strength of recommendations. *BMJ*, 336(7650), 924–926.
<https://doi.org/10.1136/bmj.39489.470347.AD>
- *Harter, S. (1982). The perceived competence scale for children. *Child Development*, 53(1), 87-97. <https://doi.org/10.2307/1129640>
- *Hoare, P., Elton, R., Greer, A., & Kerley, S. (1993). The modification and standardisation of the Harter self-esteem questionnaire with Scottish school children. *European child & adolescent psychiatry*, 2(1), 19–33.
<https://doi.org/10.1007/BF02098827>
- *Jamil, M. Y. (2006). Validity and reliability study of Rosenberg Self-Esteem Scale in school children. *Malaysian Journal of Psychiatry*, 15, 35-39.
- *Janeiro, I. N. (2008). Inventário de Autoestima de Coopersmith: Características psicométricas da versão portuguesa. *Actas da XIII Conferência Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*.
https://www.researchgate.net/publication/235343366_Inventario_de_Auto-Estima_de_Coopersmith_Caracteristicas_psicometricas_da_versao_portuguesa
- *Jia, R., Lang, S. N., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2016). A developmental examination of the psychometric properties and predictive utility of a revised psychological self-concept measure for preschool-age children. *Psychological assessment*, 28(2), 226–238. <https://doi.org/10.1037/a0039403>
- *Krosnick, J. A., & Presser, S. (2010). Question and questionnaire design. In P. V. Marsden & J. D. Wright (Eds.), *Handbook of survey research* (2nd ed., pp. 263–314). Emerald.
- *Kurnaz, A., & Koçtürk, N. (2026). Psychometric properties of the Short-Form State Self-Esteem Scale (SSES-S) among Turkish adolescents. *Journal of*

- Psychoeducational Assessment*, 44(1), 36-55. <https://doi.org/10.1177/07342829251368439>
- *Lawrence, D. (1981). The development of a self-esteem questionnaire. *British Journal of Educational Psychology*, 51, 245-251
<https://doi.org/10.1111/j.2044-8279.1981.tb02481.x>
- *Linton, M. F., & Richard, C. (1996). Self-esteem in adolescents: Validation of the State Self-Esteem Scale. *Personality and Individual Differences*, 21, 85-90.
[https://doi.org/10.1016/0191-8869\(96\)83741-X](https://doi.org/10.1016/0191-8869(96)83741-X)
- Marrone, D. B. D., Souza, L. K. D., & Hutz, C. S. (2019). O Uso de Escalas Psicológicas para Avaliar Autoestima. *Revista Avaliação Psicológica*, 18(03).
<https://doi.org/10.15689/ap.2019.1803.15982.02>
- *Medeiros, R. A. A. de L., Firmino, R. T., Sousa, M. L. C., Perazzo, M. F., Costa, E. M. M. de B., Paiva, S. M., & Granville-Garcia, A. F.. (2025). Validation of the Piers-Harris Children Self- Concept Scale - PHCSCSV1-6 in Brazilian Portuguese for adolescents. *Saúde Em Debate*, 49(145), e10052.
<https://doi.org/10.1590/2358-2898202514510052I>
- Mellor, D., & Moore, K. A. (2014). The use of Likert scales with children. *Journal of Pediatric Psychology*, 39(3), 369–379. <https://doi.org/10.1093/jpepsy/jst079>
- Mokkink, L. B., de Vet, H. C. W., Prinsen, C. A. C., Patrick, D. L., Alonso, J., Bouter, L. M., & Terwee, C. B. (2018a). COSMIN risk of bias checklist for systematic reviews of patient-reported outcome measures. *Quality of Life Research*, 27(5), 1171–1179.
<https://doi.org/10.1007/s11136-017-1765-4>
- Mokkink, L. B., Prinsen, C. A. C., Patrick, D. L., Alonso, J., Bouter, L. M., de Vet, H. C. W., & Terwee, C. B. (2018b). COSMIN methodology for systematic reviews of patient-reported outcome measures (PROMs). *User manual*. <https://www.cosmin.nl>
- *Oliveira, A., & Assumpção Junior, F. B. (2024). Escala Lêvitudo: Saúde mental, resiliência e autoestima em adolescentes. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 44(107), p. 171 - 181. <https://doi.org/10.5935/2176-3038.20240024>
- Orth, U., & Robins, R. W. (2022). Is high self-esteem beneficial? Revisiting a classic question. *American Psychologist*, 77(1), 5–17. <https://doi.org/10.1037/amp0000922>
- Orth, U., Dapp, L. C., Erol, R. Y., Krauss, S., & Luciano, E. C. (2021). Development of domain-specific self-evaluations: A meta-analysis of longitudinal studies. *Journal of*

Personality and Social Psychology, 120(1), 145–172.

<https://doi.org/10.1037/pspp0000378>

- Orth, U., Erol, R. Y., & Luciano, E. C. (2018). Development of self-esteem from age 4 to 94 years: A meta-analysis of longitudinal studies. *Psychological Bulletin*, 144(10), 1045–1080. <https://doi.org/10.1037/bul0000161>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., ... Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: An updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, 372, n71. <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>
- *Peixoto, F., Mata, L., Monteiro, V., Sanches, C., Bártolo-Ribeiro, R., & Pipa, J. (2017). Validação da Escala de Autoconceito e Autoestima para Pré-adolescentes (EAAPA) e análise da estrutura organizativa do autoconceito. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 43(1), 71–84. https://doi.org/10.21865/RIDEP43_71
- *Romano, A., Negreiros, J., & Martins, T. (2007). Contributos para a validação da escala de auto-estima de Rosenberg numa amostra de adolescentes da região interior norte do país. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 8(1), 109-116. <https://scielo.pt/pdf/psd/v8n1/v8n1a08.pdf>
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image* (Vol. 11, p. 326). Princeton, NJ: Princeton university press.
- *Saldanha, A. A. W., Oliveira, I. C. V., & Azevedo, R. L. W.. (2011). O autoconceito de adolescentes escolares. *Paidéia (ribeirão Preto)*, 21(48), 9–19. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000100003>
- *Saleem, S., & Mahmood, Z. (2011). Development of a self-esteem scale for children in Pakistan. *Pakistan Journal of Psychological Research*, 26(1), 1-21. <https://pjpr.scione.com/cms/fulltext.php?id=321>
- *Sarriera, J. C., Casas, F., Bedin, L. M., Abs, D., Santos, B. R. dos, Borges, F. C., Malo, S., & González, M. (2015). Propriedades psicométricas da escala de autoconceito multidimensional em adolescentes brasileiros. *Avaliação Psicológica*, 14(2), 281–290. <https://doi.org/10.15689/ap.2015.1402.13>

- *Sbicigo, J. B., Bandeira, D. R., & Dell'Aglio, D. D.. (2010). Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorial e consistência interna. *Psico-usf*, 15(3), 395–403. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000300012>
- *Shoemaker, A. (1980). Construct validity of area-specific self-esteem: The Hare Self-Esteem Scale. *Educational and Psychological Measurement*, 40(2), 495-501. <https://doi.org/10.1177/001316448004000231>
- *Sisto, F. F., & Martinelli, S. C. (2004). Estudo preliminar para a construção da Escala de Autoconceito Infante-Juvenil (EAC-IJ). *Interação em Psicologia*, 8(2), 181-190. <https://doi.org/10.5380/psi.v8i2.3254>
- *Supple, A. J., & Plunkett, S. W. (2010). Dimensionality and validity of the Rosenberg Self-Esteem Scale with Latino adolescents. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 3(1), 39-53. <https://doi.org/10.1177/0739986310387275>
- *Supple, A. J., Su, J., Plunkett, S. W., Peterson, G. W., & Bush, K. R. (2012). Factor structure of the Rosenberg Self-Esteem Scale. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 44(5):748-764. <https://doi.org/10.1177/0022022112468942>
- *Syropoulou, A., Vernadakis, N., Papastergiou, M., & Kourtessis, T. (2021). Psychometric evaluation of the Rosenberg Self-Esteem Scale in primary school students with mild intellectual disability: First evidence. *Research in developmental disabilities*, 114, 103964. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2021.103964>
- *Teixeira, A., Silva, E., Tavares, D. *et al.* Portuguese validation of the Emotion Regulation Questionnaire for Children and Adolescents (ERQ-CA): relations with self-esteem and life satisfaction. *Child Indicators Research*, 8, 605–621 (2015). <https://doi.org/10.1007/s12187-014-9266-2>
- *Tolentino, T. M., Maia, M. F. de M., Formiga, N. S., Sousa, B. V. de O., & Melo, G. F. (2015). Modelagem estrutural fatorial e consistência interna da Escala de Autoestima de Rosenberg em adolescentes brasileiros. *Revista de Psicologia*, 6(2), 40–49. <https://periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/2580>
- *Valentini, N. C., Villwock, G., Vieira, L. F., Vieira, J. L. L., & Barbosa, M. L. L.. (2010). Validação brasileira da escala de autopercepção de harter para crianças. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 23(3), 411–419. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000300001>
- *Veiga, F. H., & Leite, A. (2016). Escala de avaliação do autoconceito de adolescentes: Versão do Piers-Harris reduzida a 30 itens em escala 1–6. *Congresso Internacional Envolvimento dos Alunos na Escola*, 77-89. <http://hdl.handle.net/10451/29222>

- *Wild, L. G., Flisher, A. J., Bhana, A., & Lombard, C. (2005). Psychometric properties of the self-esteem questionnaire for South African adolescents. *South African Journal of Psychology, 35*(2), 195–208.
<https://doi.org/10.1177/008124630503500203>
- Wood C, Griffin M, Barton J and Sandercock G (2021) Modification of the Rosenberg Scale to Assess Self-Esteem in Children. *Front. Public Health 9*:655892. doi: 10.3389/fpubh.2021.655892
- *Wu, C., et al. (2016). Rosenberg self-esteem scale: Method effects and factorial structure across migrant and urban children. *Journal of Personality Assessment*.
<https://doi.org/10.1080/00223891.2016.1217420>

Manuscrito 2 - Construção de um Instrumento para a Avaliação da Autoestima Infantojuvenil: Um Estudo Inicial

Resumo

A autoestima infantojuvenil constitui um construto relevante para a compreensão do desenvolvimento psicológico, das relações interpessoais e do ajustamento escolar e emocional de crianças e adolescentes. Apesar de sua importância, observa-se escassez de instrumentos brasileiros atualizados e específicos para sua avaliação na infância. Este manuscrito teve como objetivo descrever as etapas iniciais de construção de um instrumento para avaliação da autoestima infantojuvenil, com foco na faixa etária de 8 a 12 anos. O estudo foi desenvolvido em dois momentos. No Estudo 1, realizou-se o levantamento da literatura, a definição constitutiva e operacional do construto e a elaboração de 30 itens distribuídos em cinco dimensões: emocional, social, familiar, escolar e física. Em seguida, os itens foram submetidos à análise de cinco especialistas com experiência em construção e adaptação de instrumentos. A concordância entre os juízes foi examinada por meio do kappa de Fleiss, com resultados que indicaram concordância moderada para clareza dos itens e substancial para adequação do item à faceta, o que subsidiou ajustes pontuais na redação. No Estudo 2, a versão revisada foi submetida à análise de validade semântica com 20 participantes, sendo 10 crianças de 8 a 12 anos e 10 adolescentes de 13 a 16 anos. Os resultados indicaram predominância de coeficientes de concordância em faixa substancial, com média geral de kappa = 0,69. Dois itens apresentaram desempenho inferior e foram excluídos da versão preliminar. Em conjunto, os resultados forneceram evidências iniciais favoráveis à validade de conteúdo e à adequação semântica do instrumento, sustentando a continuidade de seu desenvolvimento. Conclui-se que a medida apresenta potencial para contribuir com a avaliação da autoestima infantojuvenil no contexto brasileiro, embora ainda sejam necessários estudos com amostras ampliadas e análises psicométricas adicionais, especialmente quanto à estrutura interna, consistência interna e relação com variáveis externas.

Palavras-chave: autoestima infantojuvenil; avaliação psicológica; construção de instrumentos; validade de conteúdo; validade semântica.

Abstract

Child and adolescent self-esteem is a relevant construct for understanding psychological development, interpersonal relationships, and children's emotional and school adjustment. Despite its importance, there is a shortage of updated and specific Brazilian instruments for assessing self-esteem in childhood. This manuscript aimed to describe the initial stages in the construction of an instrument designed to assess child and adolescent self-esteem, with a primary focus on children aged 8 to 12 years. The study was carried out in two stages. In Study 1, a literature review was conducted, followed by the constitutive and operational definition of the construct and the development of 30 items distributed across five dimensions: emotional, social, family, school, and physical. The items were then submitted to expert review by five psychologists with experience in test construction and adaptation. Interrater agreement was examined using Fleiss' kappa. The results indicated moderate agreement for item clarity and substantial agreement for item-to-facet adequacy, which supported targeted wording revisions. In Study 2, the revised version was submitted to semantic validity analysis with 20 participants, including 10 children aged 8 to 12 years and 10 adolescents aged 13 to 16 years. The results indicated a predominance of substantial agreement coefficients, with an overall mean Fleiss' kappa of .69. Two items showed lower performance and were excluded from the preliminary version. Taken together, the results provided favorable initial evidence of content validity and semantic adequacy, supporting the continuation of the instrument development process. It is concluded that the proposed measure shows potential for contributing to the assessment of child and adolescent self-esteem in the Brazilian context, although further studies with larger samples and additional psychometric analyses are still required, particularly regarding internal structure, internal consistency, and relations with external variables.

Keywords: child and adolescent self-esteem; psychological assessment; test development; content validity; semantic validity.

Introdução

Dentro da Psicologia, a área da avaliação psicológica é uma das práticas mais consolidadas historicamente em todo o mundo, com grande impacto social, uma vez que seus estudos podem ser utilizados de diversas maneiras a fim de melhorar a qualidade de vida (Zanin et al., 2022). Além de oferecer meios para acessar e estudar o funcionamento comportamental e psíquico do ser humano (Wechsler et al., 2019) através de inferências feitas acerca de algum construto que pretende avaliar (Hasbun et al., 2021).

Uma temática que se destaca no mundo da avaliação psicológica é o estudo de formas para se avaliar a autoestima. Apesar de ter suas origens no século XIX, com os primeiros registros realizados pelo psicólogo psicossocial William James, que apresenta o conceito de eu social, o qual os sentimentos dos indivíduos sobre si mesmos partem da interação com outros (James, 1890). Atualmente, ainda não há um consenso entre os autores sobre a definição de tal construto, além de englobar outros conceitos como autoconceito e autoimagem, o que dificulta a criação de instrumentos para sua avaliação e para os estudos de evidências de validade e fidedignidade (Marrone et al., 2019).

Mruk (2013) aponta a necessidade de avaliar a autoestima uma vez que ela envolve diversos comportamentos interligados que repercutem ao longo da vida do indivíduo. É necessário considerar as características fisiológicas, neurológicas, as emoções sentidas ao realizar uma autoavaliação, ao avaliar expectativas para o futuro e o mundo circundante, sem excluir os aspectos culturais (Marrone et al., 2019).

Dentre as dificuldades para medir esse construto, Mruk (1998) cita as especificidades da autoestima vista como fenômeno, como por exemplo, sua complexidade para definição e as dimensões que a influenciam. Bem como as diversas visões psicológicas e sociológicas a seu respeito, as quais irão, conseqüentemente, ofertar diferentes metodologias para seu estudo.

Além dos desafios supracitados, outro aspecto importante é a distinção da faixa etária no momento de avaliação, considerando as etapas do desenvolvimento humano. Desde cedo, a construção da autoestima das crianças está ligada com a visão de pessoas próximas, como dos pais e pares, que possuem da criança (Carvalho & Cordeiro, 2021).

A infância é um período significativo para a formação de valores e vínculos, as vivências iniciais, a forma como se dá o acolhimento familiar e o sentimento de segurança, poderão influenciar a formação do indivíduo (Souza & Freitas, 2024).

Portanto, ressalta-se a necessidade de partir de um olhar mais específico para esse período, considerando suas particularidades.

Entre os sete e oito anos, a criança é capaz de elaborar conceitos mais complexos, realizar julgamentos sobre si mesma, exercer maior controle emocional, ficando mais ciente dos seus sentimentos bem como os dos outros (Papalia & Feldman, 2013). As emoções passam a influenciar a opinião que a criança tem de si mesma e é neste período que se desenvolve os sistemas representativos, que são autoconceitos gerais que compõem a identidade (Harter, 1993, 1996, 1998, citado por Papalia & Feldman, 2013).

Entretanto, os instrumentos que propõem avaliar a autoestima disponíveis para uso no Brasil não são tão específicos, pois envolvem a avaliação de outros construtos como autoimagem e autoconceito (Gobitta & Guzzo, 2002). Além de muitos abrangerem uma extensa faixa etária no momento da avaliação, sem promover as adaptações que seriam necessárias para o público infantil. Como é o caso da escala considerada como padrão ouro atualmente, a Escala de Autoestima de Rosenberg (Rosenberg Self-Esteem Scale – RSES) (Hutz & Zanon, 2011; Mruk, 2013), a qual não possui validade para avaliar crianças menores que doze anos (Wood et al., 2021).

O desenvolvimento de um novo instrumento para avaliação é um processo complexo, envolvendo diversas etapas em sua construção, além da necessidade de obter evidências de validade e fidedignidade de forma apropriada. Por essa razão, primeiramente recomenda-se que o pesquisador esteja ciente dos instrumentos já existentes na literatura que são capazes de alcançar seus objetivos ou um resultado similar (Colucci et al., 2015).

Borsa e Seize (2017) recomendam que a elaboração de um instrumento psicológico possua uma medida inédita, e justifica-se sua criação quando os instrumentos existentes não abordam completamente os conteúdos que o pesquisador procura mensurar.

De acordo com Pasquali (2010), o modelo de elaboração de um instrumento psicológico se baseia em três grandes polos, nomeados como: procedimentos teóricos, com enfoque na fundamentação teórica e definição do construto de interesse; procedimentos empíricos (experimentais), constituindo as etapas e técnicas de aplicação assim como a coleta dos dados; e os procedimentos analíticos (estatísticos), em que se determina as análises estatísticas utilizadas e sua normatização.

É observado na literatura a existência de poucos instrumentos validados e específicos voltados para esta população, com o objetivo de avaliar a autoestima infantil. Desse modo, torna-se relevante o desenvolvimento de pesquisas acerca desse tema, pois as conclusões da sua avaliação podem colaborar na identificação de fatores de risco para uma baixa autoestima e também guiar intervenções mais focadas, uma vez que a autoestima pode influenciar na qualidade de vida e empoderamento pessoal (Wood et al., 2021).

Atualmente, são encontrados poucos instrumentos e protocolos atualizados voltados para a população infantil no Brasil, como a Escala de Autoestima de Rosenberg (Hutz & Zanon, 2011), para adolescentes acima de doze anos, Escala Multidimensional de Auto-Estima (EMAE Forma-A) adaptada por Gobitta e Guzzo (2004), Escala de Autopercepção de Harter (1985) (Valentini et al., 2010) e a Escala de Autoconceito infanto-juvenil (EAC-IJ), que atualmente consta como desfavorável no Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI) desde de 2020, desenvolvida por Sisto e Marinelli (2005).

A escolha do formato de resposta constitui um elemento central no desenvolvimento de instrumentos psicológicos, especialmente em populações infantojuvenis. Evidências indicam que o uso de escalas do tipo Likert com crianças apresenta limitações importantes relacionadas ao desenvolvimento cognitivo e linguístico, particularmente no que se refere à compreensão de categorias ordinais abstratas e à diferenciação entre níveis intermediários de intensidade (Mellor & Moore, 2014). Crianças, sobretudo em faixas etárias mais precoces, tendem a apresentar dificuldades em interpretar adequadamente gradientes de resposta, o que pode resultar em padrões menos diferenciados, maior uso de categorias extremas ou respostas inconsistentes.

Esse cenário tem implicações diretas para a qualidade psicométrica das medidas, uma vez que a inadequação do formato de resposta pode introduzir erro sistemático, afetando tanto a validade quanto a fidedignidade dos instrumentos. Nesse sentido, o uso de escalas Likert em populações infantis pode não apenas reduzir a precisão da mensuração, mas também comprometer a interpretação dos escores obtidos, especialmente quando se busca captar construtos complexos, como a autoestima (Mellor & Moore, 2014).

Diante dessas limitações, o uso do diferencial semântico apresenta-se como uma alternativa metodologicamente promissora. Originalmente proposto como uma técnica

para mensurar significados subjetivos por meio de pares de adjetivos bipolares, o diferencial semântico permite que o respondente posicione sua resposta em um continuum mais concreto e perceptualmente acessível (Osgood et al., 1957). Diferentemente das escalas Likert, esse formato reduz a dependência de julgamentos abstratos de concordância e favorece respostas mais intuitivas, o que é particularmente relevante em contextos nos quais as habilidades cognitivas ainda estão em desenvolvimento.

Além disso, o diferencial semântico possibilita a operacionalização direta de dimensões avaliativas do significado, tradicionalmente organizadas em eixos como avaliação, potência e atividade, os quais têm sido consistentemente identificados em diferentes contextos de pesquisa (Osgood et al., 1957; Rosenberg & Navarro, 2018). Essa estrutura favorece a captação de julgamentos subjetivos sobre o self, permitindo uma mensuração mais direta de aspectos centrais da autoestima, sem a mediação exclusiva de proposições verbais.

Do ponto de vista metodológico, esse formato também apresenta vantagens adicionais, como a redução de vieses de resposta associados à aquiescência e à formulação dos itens, além de maior clareza semântica das categorias de resposta (Stanlaw, 2020). Em populações infantojuvenis, essas características podem contribuir para maior consistência das respostas e melhor discriminação entre níveis do construto, especialmente quando os pares de adjetivos são selecionados de forma adequada ao repertório linguístico dos participantes.

Assim, considerando as limitações associadas ao uso de escalas Likert em crianças (Mellor & Moore, 2014) e as propriedades teóricas e metodológicas do diferencial semântico (Osgood et al., 1957; Rosenberg & Navarro, 2018; Stanlaw, 2020), a adoção desse formato se justifica como uma estratégia que potencialmente aumenta a validade e a precisão da mensuração. Nesse sentido, o diferencial semântico apresenta-se como uma alternativa consistente para o desenvolvimento de instrumentos psicológicos voltados à avaliação da autoestima infantojuvenil, especialmente quando se busca maior alinhamento entre formato de resposta e nível de desenvolvimento cognitivo dos respondentes.

Portanto, em consideração ao que foi exposto, o presente manuscrito, foi dividido em dois estudos, sendo que o estudo 1 teve como objetivo demonstrar os primeiros passos para a construção de um instrumento para avaliar a autoestima infantil, dentro da faixa etária de 8 a 12 anos. Pretende-se descrever seu processo de criação até

a etapa de avaliação dos juízes, seguindo as orientações de Pasquali (2010) acerca da construção de testes referentes a construtos. Enquanto que o estudo 2 deu continuidade para as etapas necessárias de construção, e teve como objetivo coletar evidências de validade semântica da medida, ao realizar a aplicação em dez crianças com idades entre 8 e 12 anos e dez adolescentes com idades entre 13 e 16 anos.

Método – Estudo 1

Participantes

Para esse estudo participaram cinco especialistas da área da psicologia com experiência na construção e adaptação de instrumentos, eles foram selecionados para a etapa de Avaliação dos Juízes, recomendado por Pasquali (2010), para verificar a relevância/representatividade dos itens desenvolvidos do instrumento, a fim de promover evidências de validade de conteúdo e contribuir para a construção do instrumento.

Instrumentos

Tabela para análise de juízes (apêndice 1): O documento foi enviado para realizar a análise de juízes, a fim de avaliar cada item do instrumento. Foi orientado a avaliação de acordo com adequação do item à faceta, ao verificar de a qual faceta pertence cada item, tendo como base a definição apresentada, para a análise de conteúdo. E também a avaliação da clareza dos itens, se são compreensíveis ou não, para a análise semântica.

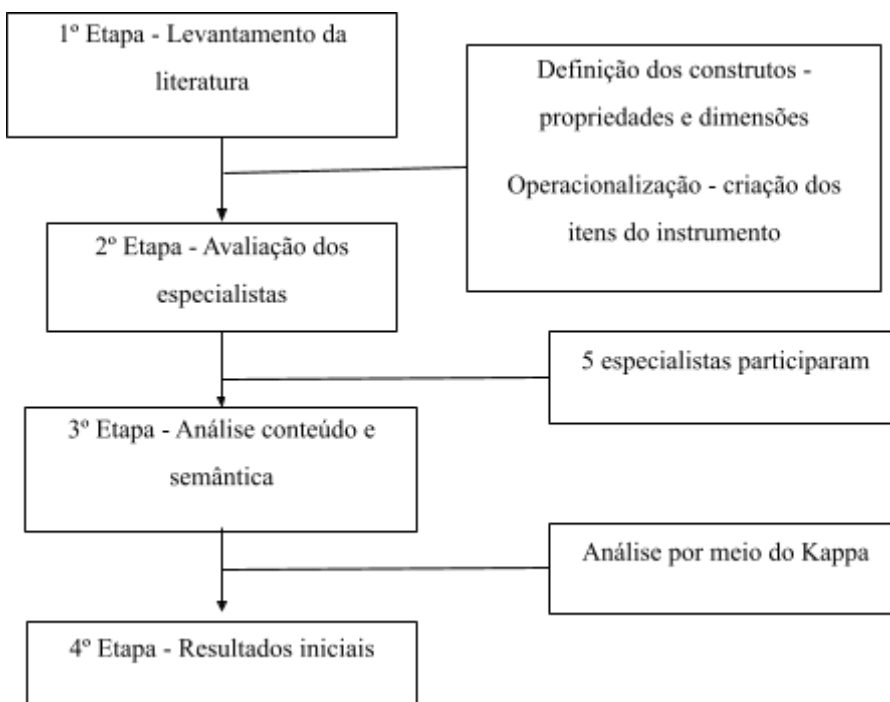
Escala de Avaliação da Autoestima Infantil (apêndice 2): O instrumento foi construído de acordo com as orientações de Pasquali (2010) para a criação de ferramentas de avaliação de construtos. Este instrumento pretende avaliar a autoestima infantil de crianças entre 8 a 12 anos, possui 30 itens divididos em cinco dimensões estabelecidas de acordo com a literatura: emocional, social, familiar, escolar e física.

Procedimentos

Seguindo as orientações de Pasquali (2010), o estudo se dividiu em quatro momentos (figura 1), inicialmente foi feito o levantamento da literatura para a definição do construto autoestima infantil e a sua operacionalização, além da listagem de outros instrumentos que pretendiam medir tal construto (tabela 1).

Figura 1

Fluxograma da metodologia utilizada no estudo



Ao constatar a falta de um instrumento mais específico e atualizado, tornou-se necessário construir uma ferramenta para auxiliar na avaliação da autoestima infantil, e então partiu-se para a etapa da conceituação do construto autoestima infantil, definindo suas propriedades e dimensões. Obteve-se sua definição constitutiva, baseada em termos de conceitos próprios da teoria em que estão inseridos. Além de sua definição operacional, na qual tais construtos são expressos em termos de operações concretas, ou seja, na forma de comportamentos manifestos.

Em seguida, os itens que iriam compor o instrumento foram desenvolvidos com base na literatura e foi criado um modelo inicial do instrumento, bem como suas instruções.

A fim de complementar a conceituação de construtos e a elaboração dos itens, buscou-se a avaliação de especialistas na área da pesquisa. Nesta etapa, participaram cinco especialistas, foi utilizado como critério de escolha o conhecimento necessário para a construção de instrumentos psicológicos. O instrumento inicial e as instruções também foram apresentados aos especialistas junto com o documento que continha a “Tabela para análise de juízes” (apêndice 1) para facilitar a avaliação.

Neste procedimento, cada juiz informou concordar ou discordar sobre a presença dos itens, com o objetivo de verificar sua relevância/representatividade, por meio de um

quadro e um sistema de pontuação, as fichas de avaliação foram enviadas para os e-mails dos especialistas e foi aguardado o retorno.

O terceiro momento constituiu-se a análise por meio do teste Kappa a fim de realizar a validação de conteúdo. E a última etapa foi a avaliação e interpretação dos resultados iniciais obtidos.

Análise dos dados

Para o processo de construção do instrumento e definição do construto de autoestima infantil, foi realizado um breve levantamento da literatura sobre os instrumentos já existentes que tem como objetivo mensurar a autoestima e os que compreendem autoestima e autoconceito como sinônimos.

Os dados foram analisados por meio do coeficiente kappa de Fleiss, utilizado para estimar o grau de concordância entre múltiplos avaliadores quanto à compreensão dos itens da versão preliminar do instrumento, considerando a concordância além do acaso. Esse índice é especialmente indicado em situações nas quais mais de dois respondentes avaliam um mesmo conjunto de itens em categorias definidas, como ocorre em estudos de concordância.

Para a interpretação dos coeficientes, adotaram-se os critérios propostos por Landis e Koch (1977), segundo os quais valores inferiores a 0 indicam concordância pobre; entre 0,00 e 0,20, concordância leve; entre 0,21 e 0,40, concordância razoável; entre 0,41 e 0,60, concordância moderada; entre 0,61 e 0,80, concordância substancial; e entre 0,81 e 1,00, concordância quase perfeita. Com base nesses parâmetros, os resultados obtidos indicaram concordância substancial quanto à clareza e à compreensão dos itens, sugerindo adequação semântica satisfatória da medida para o público infantojuvenil.

Resultados

O passo inicial para a elaboração de um instrumento psicológico é a definição do construto e para isso, é necessário reunir uma base teórica como referência, e a partir da escolha de linha de pensamento, é preciso determinar sua definição constitutiva e operacional e a dimensionalidade (Silva & Clapis, 2021).

Portanto, foi realizado um breve levantamento da literatura (tabela 1) dos principais instrumentos nacionais e internacionais utilizados e também referências de estudos nos quais eles foram aplicados.

Tabela 1*Levantamento da Literatura*

Nome do instrumento	Autoria e ano	Nome da dimensão/fator/faceta	Lista de algumas pesquisas que fizeram uso do instrumento
Escala de Autoestima de Rosenberg	Morris Rosenberg (1979) - Adaptada para o Brasil por Hutz & Zanon (2011)	Autoestima	Camero, C., Cortellazzi Mendes, K. L., Possobon, R. de F., & Nogueira, L. Y. T. (2024). Autoestima e alteração de peso em crianças e adolescentes. <i>Interfaces Científicas - Saúde E Ambiente</i> , 9(3), 731–744. https://doi.org/10.17564/2316-3798.2024v9n3p731-744 Ros, S. C., Gameiro, F., Pedro, A., & Santos, J. (2023). O efeito da arte e do desporto na diminuição de comportamentos agressivos em crianças e jovens com medida de acolhimento residencial. In <i>Caminos de reflexión y pensamiento: Análisis desde la filosofía hasta los ODS</i> Dykinson S.L.
Escala de Autoconceito infanto-juvenil (EAC-IJ)	Sisto & Marinelli (2005)	Autoconceito	Sisto, F. F., & Martinelli, C. S. (2004a). Escala de Autoconceito Infanto Juvenil (EAC-IJ). São Paulo: Editora Vetor. Conte, Gabriella, Ciasca, Sylvia Maria, & Capelatto, Iuri Victor. (2016). Relação entre autoconceito e autocontrole comparados ao desempenho escolar de crianças do ensino fundamental. <i>Revista Psicopedagogia</i> , 33(102), 225-234.
Escala Multidimensional de Auto-Estima (EMAE Forma-A)	Gobitta e Guzzo (2004)	Autoestima	Silva, Maria de Fátima Xavier da, & de Villemor-Amaral, Anna Elisa. (2006). A auto-estima no CAT-A e HTP: estudo de evidência de validade. <i>Avaliação Psicológica</i> , 5(2), 205-215. Gobitta, M. & Guzzo, R. S. L. (2004). EMAE – Escala Multidimensional de Auto-Estima – Não Publicado. Em: Gobitta, M (ed) Escala Multidimensional de Auto-Estima (EMAE):

Nome do instrumento	Autoria e ano	Nome da dimensão/fator/faceta	Lista de algumas pesquisas que fizeram uso do instrumento
			Construção e Validação com crianças e Adolescentes Brasileiros. Tese de Doutorado. Anexo IX: PUC Campinas
Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHCSS)	Piers-Harris (1984) - Estado Unidos	Autoconceito ou "autoconsciência"	Almis, H., Orhon, F. Ş., Bolu, S., & Almis, B. H. (2021). Self-Concept, Depression, and Anxiety Levels of Adolescents with Polycystic Ovary Syndrome. <i>Journal of pediatric and adolescent gynecology</i> , 34(3), 311–316. https://doi.org/10.1016/j.jpag.2020.12.011 Huang, A., Sun, M., Zhang, X., Lin, Y., Lin, X., Wu, K., & Huang, Y. (2021). Self-Concept in Primary School Student with Dyslexia: The Relationship to Parental Rearing Styles. <i>International Journal of Environmental Research and Public Health</i> , 18(18), 9718. https://doi.org/10.3390/ijerph18189718
Inventário de Auto-Estima de Coopersmith - adaptação portuguesa do Self-Esteem Inventory (SEI) de Coopersmith, 1981.	Janeiro (2008) - Portugal	Autoestima	Schultheisz, T.S., & Aprile, M.R. (2015). Autoestima, conceitos correlatos e avaliação. Janeiro, N. I., (2008). Inventário de Auto-Estima de Coopersmith: Características psicométricas da versão portuguesa. Conferência: Actas da XIII Conferência Avaliação Psicológica: Formas e Contextos.
Five-Factor Self-Concept Questionnaire (AF5)	García & Musitu (2001) - Espanha	Autoestima	Galán-Arroyo, C., Gomez-Paniagua, S., Castillo-Paredes, A., & Rojo-Ramos, J. (2024). Assessment of multidimensional self-concept in the area of physical education: Validation of a scale. <i>Frontiers in Sports and Active Living</i> , 6. https://doi.org/10.3389/fspor.2024.1333751

Nome do instrumento	Autoria e ano	Nome da dimensão/fator/faceta	Lista de algumas pesquisas que fizeram uso do instrumento
			Coelho, V.; Marchante, M.; Sousa, V. (2016). O impacto dos programas atitude positiva sobre o autoconceito na infância e adolescência Revista de Psicodidáctica, vol. 21, núm. 2, pp. 261-280.
Child Self-View Questionnaire (CSVQ)	Eder (1990) - Estados Unidos	Autoconceito e Autoestima	Brown, G.L., Mangelsdorf, S.C., Agathen, J.M. and Ho, M.-H. (2008), Young Children's Psychological Selves: Convergence with Maternal Reports of Child Personality. <i>Social Development</i> , 17: 161-182. https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00421.x Bahtiyar Saygan, B. (2020). <i>Bidirectional effects between parenting and temperament in relation to children's self-concept</i> [Thesis (Ph.D.) -- Graduate School of Social Sciences. Psychology]. Middle East Technical University.
A Escala de Autopercepção de Harter (1985)	Harter (1985/2012) - Estados Unidos	Percepções de si e autovalor da criança	Oliveira, F., Guilherme, A. A., & Machado, F. F. (2024). Autopercepção em crianças e o uso da escala SPPC: uma revisão sistemática. <i>Psicologia Escolar E Educacional</i> , 28, e243054. https://doi.org/10.1590/2175-35392024-243054 Valentini, N. C., Villwock, G., Vieira, L. F., Vieira, J. L. L., & Barbosa, M. L. L.. (2010). Validação brasileira da escala de autopercepção de harter para crianças. <i>Psicologia: Reflexão E Crítica</i> , 23(3), 411-419. https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000300001
Percepção do Autoconceito Infantil (PAI)	Sánchez y Escribano (1999) - Portugal	Autoconceito	Loureiro, M. J., Ferrão, M. E., Navio, V. M., Tavares, A., & Teles, J. (2010). Avaliação do Autoconceito Infantil. <i>Psicologica</i> , (52-I), p. 469-478. https://doi.org/10.14195/1647-8606_52-1_23

Nome do instrumento	Autoria e ano	Nome da dimensão/fator/faceta	Lista de algumas pesquisas que fizeram uso do instrumento
			Stasiak, G. R., Dobrianskyj Weber, L. N., & Tucunduva, C. (2014). Qualidade na Interação Familiar e Estresse Parental e suas Relações com o Autoconceito, Habilidades Sociais e Problemas de Comportamento dos Filhos. <i>Psico</i> , 45(4), 494–501. https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.4.15846

Foram identificados nove instrumentos diferentes que especificam sua aplicação no público infantil. Para a definição constitutiva, a autoestima pode ser considerada os pensamentos e sentimentos que o indivíduo possui sobre si mesmo e irá compor o autoconceito (Hutz & Zanon, 2011). E que segundo Coopersmith (1967), autoestima é:

(...) a avaliação que o indivíduo faz, e que habitualmente mantém, em relação a si mesmo. Expressa uma atitude de aprovação ou desaprovação e indica o grau em que o indivíduo se considera capaz, importante e valioso. Em suma, a autoestima é um juízo de valor que se expressa mediante as atitudes que o indivíduo mantém em face de si mesmo. É uma experiência subjetiva que o indivíduo expõe aos outros por relatos verbais e expressões públicas de comportamentos (pp. 4 - 5).

Em relação a definição operacional, a literatura evidencia a relação da autoestima e do autoconceito de uma criança com diversos resultados comportamentais, acadêmicos e psicológicos (Marsh & Gouvenet, 1989, citado por Haney & Durlak, 1998). Sendo assim, para avaliar o construto da autoestima infantil, ele foi considerado como multifatorial, apresentando cinco dimensões: emocional, social, familiar, escolar e física.

Para a criação dos itens, foram estabelecidos comportamentos que se encaixam nas dimensões citadas, que resultaram em 30 itens, sendo separados em duas categorias, com a frase inicial “Eu sou....” e “Eu tenho” (tabelas 2, 3, 4, 5 e 6).

Tabela 2*Dimensão emocional e construção dos itens*

Emocional		
	Positivo	Negativo
Eu sou...	Divertido	Chato
	Feliz	Triste
	Corajoso	Medroso
	Calmo	Agitado
	Bem-humorado	Mal-humorado
	Confiante	Inseguro
Eu tenho...	-	-

Tabela 3*Dimensão social e construção dos itens*

Social		
	Positivo	Negativo
Eu sou...	Sociável	Tímido
	Educado	Mal-educado
	Gentil	Grosso
	Amado	Odiado
Eu tenho...	Tenho muitos amigos	Tenho poucos amigos
	Facilidade em trabalhar em grupo	Dificuldade em trabalhar em grupo

Tabela 4*Dimensão familiar e construção dos itens*

Familiar		
	Positivo	Negativo
Eu sou...	Compreendido	Ignorado
	Próximo dos meus familiares	Afastado dos meus familiares
	Protegido	Desprotegido
Eu tenho...	Muitos familiares;	Poucos familiares
	Boa relação familiar	Relação familiar ruim
	Pais amorosos	Pais distantes

Tabela 5*Dimensão escolar e construção dos itens*

Escolar		
	Positivo	Negativo
Eu sou...	Bom aluno	Mau aluno
	Inteligente	Burro
	Organizado	Bagunçado
	Comportado	Travesso
	Estudioso	Preguiçoso
Eu tenho...	Boas notas	Notas ruins

Tabela 6*Dimensão física e construção dos itens*

Física		
	Positivo	Negativo

Eu sou...	Bonito	Feio
	Forte	Fraco
	Bom em esportes	Ruim em esportes
	Saudável	Doente
	Gosto do meu corpo	Não gosto do meu corpo
Eu tenho...	Cabelo bonito	Cabelo feio

Após realizar a análise de juízes, foi realizada a análise de concordância através do teste Kappa, como forma de validar inicialmente o instrumento criado (tabela 7 e tabela 8).

Tabela 7

Fleiss' Kappa - Clareza dos itens

Fleiss' Kappa	Observed Agreement	Expected Agreement
0.006	0.62	0.618

Tabela 8

Fleiss' Kappa - Adequação do item à faceta

Fleiss' Kappa	Observed Agreement	Expected Agreement
0.417	0.507	0.154

Após o momento de análises, a última etapa constituiu na reavaliação dos itens e do instrumento em geral, acatando as recomendações e observações feitas pelos especialistas, sem excluir o que foi recomendado pela literatura. Como resultado, os 30 itens foram mantidos, porém houveram algumas mudanças em relação às palavras escolhidas a fim de manter a clareza e compreensão adequados para crianças de 8 a 12 anos.

Discussão

Apesar de sido feito um breve levantamento da literatura acerca dos instrumentos já existentes, para avaliar a necessidade da criação de um novo

instrumento, como recomenda Borsa e Seize (2017), foi possível observar que atualmente no Brasil existem poucos instrumentos que estão atualizados e validados pelo SATEPSI, indo contra a resolução vigente nº 31/2022 do Conselho Federal de Psicologia (CFP). A qual considera como falta ética o uso de testes psicológicos com parecer desfavorável ou que estão na lista de Testes Psicológicos Não Avaliados do SATEPSI.

Ao verificar a necessidade de um instrumento atualizado e adaptado para a realidade brasileira, foi feita a criação da Escala de Avaliação da Autoestima Infantil (apêndice 2). Após a seleção da literatura e definição do construto, o momento de construção dos itens deve seguir doze critérios: comportamental; objetividade, simplicidade, clareza, relevância, precisão, variedade, modalidade, tipicidade, credibilidade, amplitude e equilíbrio. (Pasquali, 2010, citado por Vieira & Bressan, 2022).

Seguindo as recomendações de Pasquali (2010), os itens foram construídos com uso da técnica do diferencial semântico. Esta foi desenvolvida por Osgood, Suci e Tannenbaum na década de 1950 e busca avaliar “o significado afetivo das atitudes, opiniões, percepções, imagem social, personalidade, preferências e interesses das pessoas frente a conteúdos que não são diretamente mensuráveis”. (Passos & Laros, 2015). E tal técnica foi escolhida visando a criação de itens mais simples para a leitura e compreensão de crianças de 8 a 12 anos, além de deixar o instrumento menor e menos cansativo.

Para a definição das dimensões, foram considerados os achados no levantamento bibliográfico, em especial no instrumento Multidimensional Self-esteem Scale (AF5), que possui diversos estudos de validade, desenvolvido por Garcia & Musitu (1999), que considera a autoestima constituída por cinco dimensões: acadêmica, social, emocional, familiar e física (Garcia et al., 2024).

Foram feitas as adaptações e mudanças necessárias das dimensões de acordo com a faixa etária estabelecida para aplicação. Foi utilizado a Teoria Psicossocial do Desenvolvimento de Erik Erikson como base foi escolhida a terceira infância que representa a fase: produtividade versus inferioridade (de 6 a 12 anos). Nessa fase, quando há uma resolução com sucesso, se obtém como virtude a *competência*, na qual a criança acredita que é capaz de executar tarefas e possui as habilidades necessárias (Papalia & Feldman, 2013). Além de considerar também a Base Nacional Comum

Curricular (BNCC) homologada em dezembro de 2017, a qual determina que a alfabetização infantil deverá acontecer aos seis e sete anos de idade (Brasil, 2018).

Portanto, a fim de garantir a boa compreensão dos itens, optou-se pela escolha da faixa etária de 8 a 12 anos, para que a criança já seja capaz de interpretar os itens e respondê-los de maneira adequada.

Por meio do teste Kappa de Fleiss, que é utilizado em casos de múltiplos juízes, é possível obter índices de concordância. Ele é a razão da proporção de vezes que os especialistas concordaram, há correção por concordância devido ao acaso, com a proporção máxima de vezes que os especialistas podem concordar, também com correção por concordância devido ao acaso. Seus valores podem variar a partir da ausência total de concordância (menos um) a concordância total (um). (Alexandre & Coluci, 2011).

Em relação à “clareza dos itens”, foi solicitado que os juízes marcassem como compreensível ou não compreensível cada item avaliado. O valor de Kappa de concordância observada foi de 0.62, esse valor indica que há uma concordância moderada entre os avaliadores.

Em relação à “Adequação do item à faceta”, o valor de concordância observada foi de 0.507, o que indica que há uma concordância substancial entre os avaliadores. O que pode representar bom alinhamento entre as avaliações.

Três juízes avaliaram o item 13 “Protegido (a) x Desprotegido (a)” como incompreensível. Apresentaram como sugestão a troca de termos para que facilite a compreensão. Três juízes concordaram que o item 18 “Comportado (a) x Travesso (a)” como incompreensível, justificando que o termo travesso poderia ser trocado por outro mais familiar para o público-alvo. Dois juízes concordaram que o item 30 “Pais amorosos x Pais distantes” como incompreensível. Indicam que tal item pode apresentar ambiguidade e não ser tão claro, foram sugeridas outros termos para manter a ideia que o item pretende avaliar. Os demais itens do instrumento foram considerados como compreensíveis e atingiram seu objetivo.

A fim de seguir as sugestões apresentadas, o item 13 foi alterado para “Pais que estão sempre comigo x Pais que não ficam muito comigo”, o item 18 foi alterado para “Comportado (a) x Bagunceiro (a)”, o item 30 foi alterado para “Pais carinhosos x Pais não tão carinhosos”. E devido às alterações dos itens, foi necessário alterar a ordem deles na escala para se adequar às frases.

Método – Estudo 2

Participantes

Participaram do Estudo 2 vinte respondentes pertencentes ao público-alvo do instrumento, sendo dez crianças com idades entre 8 e 12 anos e dez adolescentes com idades entre 13 e 16 anos. A composição do grupo teve como objetivo contemplar diferentes etapas do desenvolvimento infantojuvenil, de modo a examinar a clareza, a compreensibilidade e a adequação linguística dos itens para faixas etárias distintas.

Instrumento

Foi utilizada a versão preliminar do instrumento, previamente elaborada e submetida à etapa de análise de conteúdo. Essa versão foi composta pelos itens já revisados quanto à pertinência teórica e representatividade do construto, sendo empregada, nesta etapa, para a investigação de sua adequação semântica junto ao público-alvo. A aplicação teve por finalidade verificar a clareza da redação, a compreensão do vocabulário empregado e a inteligibilidade geral dos itens e das instruções.

Procedimentos

O Estudo 2 teve como objetivo reunir evidências de validade semântica da medida. Inicialmente, os responsáveis legais pelos participantes foram informados acerca dos objetivos da pesquisa, de seus procedimentos e dos aspectos éticos envolvidos, sendo solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Aos participantes menores de idade, foi apresentado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), em linguagem compatível com sua faixa etária, assegurando-se a participação voluntária e o direito de desistência a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Após a anuência dos responsáveis e o assentimento dos participantes, a versão preliminar do instrumento foi apresentada às crianças e aos adolescentes. Nessa etapa, buscou-se verificar o grau de compreensão dos itens, considerando especialmente a clareza da linguagem, a adequação vocabular e a facilidade de entendimento. A análise concentrou-se na identificação de possíveis ambiguidades, dificuldades de interpretação ou inadequações na formulação dos itens, tendo em vista o aperfeiçoamento da redação e a adequação do instrumento ao público-alvo.

Resultados

Considerando o conjunto dos itens, observou-se predominância de coeficientes de concordância em faixa substancial, com média geral de kappa = 0,69 (Tabela 9), o que sugere adequação semântica satisfatória da versão preliminar do instrumento para o público-alvo.

Tabela 9

Resultados da análise de validade semântica por item com base no kappa de Fleiss

Dimensão	Item	Kappa de Fleiss
Emocional	Eu sou divertido / chato	0,79
Emocional	Eu sou feliz / triste	0,83
Emocional	Eu sou corajoso / medroso	0,76
Emocional	Eu sou calmo / agitado	0,72
Emocional	Eu sou bem-humorado / mal-humorado	0,68
Emocional	Eu sou confiante / inseguro	0,64
Social	Eu sou sociável / tímido	0,74
Social	Eu sou educado / mal-educado	0,81
Social	Eu sou gentil / grosso	0,77
Social	Eu sou amado / odiado	0,62
Social	Tenho muitos amigos / tenho poucos amigos	0,71
Social	Tenho facilidade em trabalhar em grupo / dificuldade em trabalhar em grupo	0,66
Familiar	Eu sou compreendido / ignorado	0,34
Familiar	Eu sou próximo dos meus familiares / afastado dos meus familiares	0,69
Familiar	Eu sou protegido / desprotegido	0,63
Familiar	Tenho muitos familiares / tenho poucos familiares	0,28
Familiar	Tenho boa relação familiar / relação familiar ruim	0,73
Familiar	Tenho pais amorosos / pais distantes	0,67
Escolar	Eu sou bom aluno / mau aluno	0,78
Escolar	Eu sou inteligente / burro	0,75
Escolar	Eu sou organizado / bagunçado	0,70

Dimensão	Item	Kappa de Fleiss
Escolar	Eu sou comportado / travesso	0,65
Escolar	Eu sou estudioso / preguiçoso	0,72
Escolar	Tenho boas notas / notas ruins	0,80
Física	Eu sou bonito / feio	0,74
Física	Eu sou forte / fraco	0,77
Física	Eu sou bom em esportes / ruim em esportes	0,69
Física	Eu sou saudável / doente	0,71
Física	Gosto do meu corpo / não gosto do meu corpo	0,65
Física	Tenho cabelo bonito / cabelo feio	0,73

A análise de concordância por meio do Kappa de Fleiss indicou, de modo geral, níveis satisfatórios de compreensão dos itens, com predomínio de valores classificados como substanciais e quase perfeitos. Entretanto, dois itens apresentaram desempenho inferior aos demais. O item “Tenho muitos familiares / tenho poucos familiares” apresentou kappa = 0,28, indicando concordância razoável, enquanto o item “Eu sou compreendido / ignorado” apresentou kappa = 0,34, também classificado como razoável.

Esses resultados sugerem possíveis dificuldades de compreensão ou ambiguidades semânticas nesses enunciados, indicando a necessidade de revisão textual antes das etapas posteriores de investigação psicométrica. o conjunto dos itens, observou-se predominância de coeficientes de concordância em faixa substancial, com média geral de kappa = 0,69, o que sugere adequação semântica satisfatória da versão preliminar do instrumento para o público-alvo.

Discussão

Considerando conjuntamente os dois estudos, os resultados fornecem evidências iniciais favoráveis à construção da medida e sustentam a pertinência do percurso adotado. No Estudo 1, a etapa de análise por especialistas permitiu examinar tanto a adequação dos itens às facetas teóricas quanto sua clareza, aspecto coerente com a recomendação de que a elaboração de instrumentos psicológicos seja conduzida de forma sistemática e ancorada em fundamentos conceituais sólidos (Pasquali, 2010).

Ainda que os índices de concordância tenham indicado diferenças entre clareza e adequação à faceta, os resultados apontaram que a estrutura inicial da escala apresentava consistência teórica suficiente para ser mantida, com necessidade de ajustes pontuais na redação de alguns itens. Esse resultado é compatível com a compreensão de que a construção de instrumentos não constitui um processo linear, mas um movimento progressivo de refinamento, no qual a análise qualitativa dos especialistas exerce papel central para o aprimoramento do material (Borsa & Seize, 2017; Vieira & Bressan, 2022).

Além disso, a definição das cinco dimensões, emocional, social, familiar, escolar e física, mostrou-se teoricamente justificável tanto à luz da literatura sobre autoestima quanto em relação às especificidades do desenvolvimento infantil. A adoção de uma perspectiva multifatorial encontra respaldo em modelos prévios que compreendem os fenômenos autorreferidos de maneira multidimensional, especialmente em fases do desenvolvimento nas quais a percepção de si está intimamente articulada às experiências familiares, escolares, corporais e relacionais (Garcia et al., 2024; Papalia & Feldman, 2013). Nesse sentido, o instrumento proposto procura responder a uma lacuna já identificada no contexto brasileiro, marcado pela escassez de medidas atualizadas, específicas para a infância e psicometricamente adequadas ao uso profissional e científico (Gobitta & Guzzo, 2002; Wood et al., 2021).

No Estudo 2, por sua vez, a análise de validade semântica ampliou a sustentação empírica inicial da medida ao indicar que, de modo geral, os itens foram compreendidos satisfatoriamente pelo público-alvo. A predominância de coeficientes em faixa substancial sugere que a redação dos itens, após os ajustes decorrentes da etapa anterior, atingiu nível satisfatório de clareza e acessibilidade linguística. Esse resultado é especialmente relevante quando se considera que instrumentos destinados ao público infantojuvenil precisam ser construídos com atenção rigorosa ao vocabulário, à simplicidade sintática e à correspondência entre formulação verbal e capacidade de compreensão dos respondentes, de modo a evitar que dificuldades de linguagem interfiram na avaliação do construto propriamente dito (Pasquali, 2010; Papalia & Feldman, 2013).

Embora dois itens tenham apresentado desempenho inferior e, por isso, tenham sido excluídos, esse resultado não compromete o instrumento em seu conjunto. Ao contrário, reforça a importância do processo iterativo de construção de medidas psicológicas, no qual a exclusão ou reformulação de itens problemáticos constitui etapa

esperada e metodologicamente desejável. Os itens “Tenho muitos familiares / tenho poucos familiares” e “Eu sou compreendido / ignorado” parecem ter sido mais suscetíveis a ambiguidades semânticas e a interpretações distintas, possivelmente por envolverem conteúdos mais abstratos ou mais dependentes de contexto. A retirada desses itens contribuiu para aumentar a homogeneidade semântica da escala e indica que a versão revisada apresenta melhores condições para avançar às próximas etapas de investigação psicométrica.

Em conjunto, os resultados indicam que a medida apresenta evidências iniciais promissoras de validade de conteúdo e validade semântica, o que é consistente com os primeiros polos do modelo proposto por Pasquali (2010). Ainda assim, é importante reconhecer que tais evidências são preliminares e não esgotam o processo de validação do instrumento. Conforme assinalado na literatura, a qualidade de uma medida psicológica depende de um acúmulo progressivo de evidências, abrangendo não apenas a coerência teórica dos itens, mas também sua estrutura interna, precisão, estabilidade e relações com variáveis externas relevantes (Hasbun et al., 2021; Wechsler et al., 2019). Desse modo, os estudos realizados até aqui devem ser compreendidos como etapas iniciais, porém necessárias, para a consolidação futura da escala.

Como desdobramento, recomenda-se a realização de estudos com amostras mais amplas e mais homogêneas em termos etários, especialmente concentradas no intervalo originalmente proposto para a escala, entre 8 e 12 anos. Tal cuidado poderá reduzir o efeito da heterogeneidade desenvolvimental sobre a compreensão dos itens e favorecer estimativas mais precisas acerca da estrutura do instrumento. Adicionalmente, serão necessárias análises fatoriais exploratórias e confirmatórias, investigações de consistência interna e estudos de validade baseados na relação com medidas convergentes e discriminantes, de modo a verificar se a organização empírica dos itens corresponde à proposta teórica adotada. Esse percurso é particularmente importante diante da complexidade do construto autoestima, cuja definição ainda apresenta sobreposições com autoconceito e autoimagem, exigindo delimitação conceitual cuidadosa e verificação empírica contínua (Marrone et al., 2019; Mruk, 1998, 2013).

Entende-se que esta pesquisa contribui para a área da avaliação psicológica ao descrever, de forma sistemática, as etapas iniciais de construção de uma medida voltada à autoestima infantojuvenil no contexto brasileiro. Em um cenário no qual ainda são escassos instrumentos atualizados, específicos para crianças e alinhados às exigências técnicas e éticas vigentes, a proposição desta escala representa um avanço

potencialmente relevante para a pesquisa e para a prática profissional. Ao focalizar uma faixa etária em que a criança já apresenta condições mais elaboradas de autoavaliação, mas ainda se encontra em um período decisivo de desenvolvimento psicossocial, o estudo oferece uma base promissora para a construção de uma ferramenta que poderá auxiliar tanto na identificação de vulnerabilidades quanto no planejamento de intervenções mais precoces e contextualizadas (Carvalho & Cordeiro, 2021; Souza & Freitas, 2024; Wood et al., 2021).

Considerações finais

O presente estudo descreveu as etapas iniciais de construção de um instrumento voltado à avaliação da autoestima infantojuvenil, com ênfase na definição do construto, elaboração dos itens, análise de conteúdo por especialistas e verificação da validade semântica junto ao público-alvo. Em conjunto, os resultados dos dois estudos indicaram que a medida apresentou consistência teórica inicial, adequação das dimensões propostas e níveis satisfatórios de compreensão semântica para a maior parte dos itens. Esse percurso permitiu o refinamento da versão preliminar da escala e forneceu evidências iniciais favoráveis à continuidade de seu desenvolvimento.

Do ponto de vista teórico e aplicado, o estudo buscou responder a uma demanda relevante da avaliação psicológica no contexto brasileiro, considerando a escassez de instrumentos atualizados, específicos para a infância e psicometricamente adequados para a avaliação da autoestima. A proposta de uma medida organizada em dimensões emocional, social, familiar, escolar e física mostrou-se coerente com a literatura consultada e com as particularidades do desenvolvimento infantil, especialmente em uma fase na qual a criança já apresenta maior capacidade de autoavaliação, mas ainda se encontra em processo intenso de constituição de sua percepção de si.

Apesar da contribuição inicial do estudo, algumas limitações devem ser consideradas. Em primeiro lugar, trata-se de uma investigação ainda circunscrita às etapas preliminares de construção do instrumento, de modo que as evidências apresentadas não são suficientes para sustentar seu uso profissional ou clínico. Em segundo lugar, o número de participantes em ambas as etapas foi reduzido, o que restringe a generalização dos resultados. Além disso, no Estudo 2, a amplitude da faixa etária incluída pode ter influenciado os níveis de concordância observados, uma vez que diferenças no desenvolvimento cognitivo, linguístico e socioemocional entre crianças e adolescentes podem afetar a compreensão dos itens. Também deve ser considerado que

alguns enunciados exigiram revisão ou exclusão, indicando a necessidade de maior refinamento textual antes do avanço para etapas analíticas mais robustas.

Diante disso, estudos futuros deverão ampliar as amostras e concentrar-se prioritariamente na faixa etária originalmente proposta para o instrumento, entre 8 e 12 anos, de modo a obter estimativas mais precisas sobre o funcionamento dos itens. Será necessário conduzir análises psicométricas voltadas à investigação da estrutura interna da medida, incluindo procedimentos exploratórios e confirmatórios, bem como estudos de consistência interna e de evidências de validade baseadas nas relações com variáveis externas. Também será importante examinar o desempenho dos itens em diferentes grupos, contextos e características sociodemográficas, a fim de verificar a estabilidade do instrumento e sua adequação a distintos segmentos da população infantojuvenil.

Assim, os resultados apresentados sustentam que a escala proposta possui potencial para se constituir como uma ferramenta útil na avaliação da autoestima infantojuvenil, desde que seu desenvolvimento prossiga por meio das etapas psicométricas subsequentes. Assim, o estudo oferece uma base inicial relevante para a produção de uma medida mais específica, atualizada e teoricamente fundamentada, com potencial de contribuição tanto para a pesquisa quanto para práticas de avaliação e intervenção psicológica direcionadas ao público infantil.

Referências

- Alexandre, N., M., C. & Coluci, M., Z., O. (2011) Content validity in the development and adaptation processes of measurement instruments. *Ciênc Saúde Colet.* 16 (7), 3061-68.
- Borsa, J. C., & Seize, M. M. (2017). Construção e adaptação de instrumentos psicológicos: Dois caminhos possíveis. In B. F. Damásio & J. C. Borsa (Eds.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (1º ed, pp. 15 – 37). Vetor.
- Brasil. (2018). *Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação é a base*. Ministério da Educação (MEC), Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED), União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME). Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf
- Carvalho, C., & Cordeiro, B. (2021). O desenvolvimento da autoestima na infância: a relação da baixa autoestima com a dificuldade escolar. *Revista Terra & Cultura: Cadernos De Ensino E Pesquisa*, 37(73), 148-163. Recuperado de <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/2259>
- Coluci M. Z. O., Alexandre N. M. C., Milani D. (2015). Construção de instrumentos de medida na área da saúde. *Cienc e Saúde Coletiva*, v 20, n. 3, pp 925–36. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/construcao-de-instrumentos-de-medida-na-area-da-saude/12607?id=12607>
- Coopersmith, S. (1967). The antecedents of self-esteem. W.H. Freeman.
- Fleiss, J., L. (1971). Measuring nominal scale agreement among many raters. *Psychol Bull.* 76(5):378-82.
- Garcia, O. F., Alcaide, M., Musitu-Ferrer, D., Pons-Benavent, L., & Garcia, F. (2024). Parental Socialization Based on Warmth and Strictness Among Adolescents and Young Adults: Which Parenting Dimension is Related to Greater Adjustment? *Sage Open*, 14(4). <https://doi.org/10.1177/21582440241289684>
- Gobitta, M. (2004). *Escala multidimensional de auto-estima (EMAE): Construção e validação com crianças e adolescentes brasileiros* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

- Gobitta, M., & Guzzo, R. S. L.. (2002). Estudo inicial do inventário de Auto-Estima (SEI): Forma A. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 15(1), 143–150. <https://doi.org/10.1590/S0102-7972200200010001>
- Haney, P., & Durlak, J. A. (1998). Changing self-esteem in children and adolescents: A meta-analytical review. *Journal of Clinical Child Psychology*, 27(4), 423–433. https://doi.org/10.1207/s15374424jccp2704_6
- Hasbun, A. S. P. ., Formiga, N. S., Estevam, I. D. (2021). Os caminhos da avaliação psicológica no Brasil e no mundo: reflexões para um estado da arte. *Psicologia E Saúde Em Debate*, 7(1), 149–170. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V7N1A11>
- Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg: Revision of the adaptation, validation, and normatization of the Roserberg self-esteem scale. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 41-49. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-0471201100010005&lng=pt&tlng=pt.
- James, W. (1890). *The principles of psychology*. Harvard University Press.
- Marrone, D. B. D., Souza, L. K. D., & Hutz, C. S. (2019). O Uso de Escalas Psicológicas para Avaliar Autoestima. *Revista Avaliação Psicológica*, 18(03). <https://doi.org/10.15689/ap.2019.1803.15982.02>
- Mellor, D., & Moore, K. A. (2014). The use of Likert scales with children. *Journal of Pediatric Psychology*, 39(3), 369–379. <https://doi.org/10.1093/jpepsy/jst079>
- Mruk, C. (1998). *Auto-estima: Investigación, teoría y práctica*. Desclée de Brouwer.
- Mruk, C. (2013). *Self-esteem and positive psychology: Research, theory, and practice* (4a ed.). New York: Springer
- Osgood, C. E., Suci, G. J., & Tannenbaum, P. H. (1957). *The measurement of meaning*. University of Illinois Press.
- Papalia, D. E. & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano* (12ª ed.). AMGH.
- Pasquali L. (2010). Testes referentes a construto: teoria e modelo de construção. In Pasquali L. (1ª ed.), *Instrumentação Psicológica: fundamentos e práticas*. (1ª ed., pp. 165-198). Artmed.
- Passos, M., F., D. & Laros, J. A. (2015). Construção de uma escala reduzida de Cinco Grandes Fatores de personalidade. *Avaliação Psicológica*, 14(1), 115-123. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-0471201500010014&lng=pt&tlng=pt.

- Resolução nº 31, de 15 de dezembro de 2022. (2022). *Conselho Federal de Psicologia*. Brasília, DF.
- Rosenberg, B. D., & Navarro, M. A. (2018). Semantic differential scaling. In B. B. Frey (Ed.), *The SAGE encyclopedia of educational research, measurement, and evaluation*. SAGE.
- Silva, M. M. de J., & Clapis, M. J.. (2021). Escala de Risco de Depressão na Gravidez: elaboração de um modelo teórico. *Revista Da Escola De Enfermagem Da USP*, 55, e03780. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2020027503780>
- Sisto, F. F., & Martinelli, S. C. (2004). Estudo preliminar para a construção da Escala de Autoconceito Infanto-Juvenil (EAC-IJ). *Interação em Psicologia*, 8(2), 181-190. doi: 10.5380/psi.v8i2.3254
- Souza, P., B., F. & Freitas, G., F., M. (2024). A importância dos vínculos afetivos na primeira infância. In *Revista Autênticos*, Piffer, F. (vol. 4, n.4, pp. 34 - 48). Instituto P2G Educacional.
- Stanlaw, J. (2020). Semantic differential. In *The international encyclopedia of linguistics*. Wiley.
- Valentini, N. C., Villwock, G., Vieira, L. F., Vieira, J. L. L., L.L. Barbosa, M. L. L. (2010). Validação brasileira da escala de autopercepção de harter para crianças. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 23(3), 411–419. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000300001>
- Vieira, K. M., & Bressan, A. A. (2022). Construção e Validação de Instrumentos de Pesquisa de Survey: da Psicologia à Administração. *Revista Administração Em Diálogo - RAD*, 24(3), 7–27. <https://doi.org/10.23925/2178-0080.2022v24i3.54115>
- Wechsler, S. M. (2019). Ética na avaliação psicológica: Uma perspectiva internacional. In M. N. Baptista (Org.), *Compêndio de avaliação psicológica*. Vozes.
- Wood, C., Griffin, M., Barton, J., & Sandercock, G. (2021). Modification of the Rosenberg Scale to Assess Self-Esteem in Children. *Frontiers in public health*, 9, 655892. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2021.655892>
- Zanin, D. S., Oliveira, K. da S., Oliveira, K. L. de., Henklain, M. H. O. (2022). Desafios da Avaliação Psicológica no Brasil: Nova Realidade, Velhas Questões. *Avaliação Psicológica*, 21(4), 407-417. <https://doi.org/10.15689/ap.2022.2104.24162.04>

Apêndice 1

Escala de Avaliação da Autoestima Infantil

Prezado especialista,

Estamos elaborando um instrumento baseado em diferentes autores que se complementam acerca do tema da autoestima, em especial em relação à autoestima infantil, autores clássicos como Coopersmith e Harter, pioneiras no desenvolvimento de instrumentos na área da avaliação infantil da autoestima. Além de basear as distinções de idade na Teoria Psicossocial do Desenvolvimento de Erik Erikson (1982), segundo o autor, um importante determinante da autoestima é a visão que a criança tem de sua capacidade para o trabalho produtivo. Este quarto estágio do desenvolvimento psicossocial focaliza-se na produtividade *versus* inferioridade.

De acordo com Coopersmith (1967), autoestima é a avaliação que o indivíduo efetua e que normalmente mantém em relação a si mesmo e que por meio das suas atitudes de aprovação ou desaprovação indica o grau em que se considera capaz, importante e valioso. Ela é a parte autoavaliativa do autoconceito, sendo o julgamento que a criança faz sobre seu valor geral. A autoestima baseia-se na crescente capacidade cognitiva da criança de descrever e definir a si própria (Papalia & Feldman, 2013).

Sua formação está estreitamente ligada ao tratamento que a criança recebe no núcleo familiar. Múltiplas pesquisas apontam a relação da autoestima e do autoconceito de uma criança com diversos resultados comportamentais, acadêmicos e psicológicos (Marsh & Gouvenet, 1989, citado por Haney & Durlak, 2010).

Gostaríamos de convidá-lo(a) para participar como juiz deste instrumento, em fase de Análise de Conteúdo.

Será utilizada uma escala de diferencial semântico com cinco pontos para estimar e quantificar as dimensões, com um total de 30 itens, sendo estes separados por duas frases de identificação no início “Eu sou...” e “Eu tenho...”. O objetivo do instrumento é mensurar a Autoestima Infantil Global de crianças entre 8 a 12 anos.

Segundo os autores, podemos considerar o construto da Autoestima Infantil como multifatorial - podendo ser dividido em cinco dimensões: escolar; emocional; social; familiar e física.

Sua tarefa consiste em analisar dois aspectos de cada item:

- a) **Adequação do item à faceta:** verificação de a qual faceta pertence cada item, tendo como base a definição apresentada. Para realizar esta análise de conteúdo, assinale com um “X” a faceta que você considera estar representada pela afirmação do item analisado. Se considerar que o conteúdo do item não

apresenta relação com as facetas apresentadas, deixe-o em branco (não marque nada).

- b) **Clareza:** avaliação do quanto esses itens são compreensíveis (diretos, claros e objetivos). Para esta avaliação, assinale com um “X” se o item em análise é compreensível ou incompreensível. No caso de ser incompreensível, você poderá sugerir alguma adequação, caso queira.

Para facilitar essas atividades, em cada página do instrumento serão encontradas as definições constitutivas das facetas. Sugestões são bem vindas e devem ser feitas no próprio instrumento de avaliação.

Com o instrumento você também está recebendo um termo de participação livre e consentida. Pedimos a gentileza de que devolva junto com a avaliação. Pedimos, ainda, sua compreensão em não divulgar os itens deste instrumento, por se tratar de um teste que terá caráter sigiloso.

Após a leitura deste documento, pedimos a gentileza de que abra o arquivo intitulado “Atividade Prática 3 - Base de um instrumento de Análise de juízes e semântica”. Para responder a essa escala, salve-o em seu computador, preencha os dados e re-encaminhe para este e-mail, junto com o termo. Ao final, contamos com sua colaboração para deletar o instrumento de seu computador e reforçamos a necessidade de total sigilo dos itens avaliados.

Muito obrigada pela contribuição.

Fatores/facetas com suas definições

- **Dimensão Emocional:** Avaliação global de si próprio e a atribuição de seu valor enquanto indivíduo.
- **Dimensão Social:** Percepção da relação social pela avaliação entre os pares.
- **Dimensão Familiar:** Percepção da relação familiar.
- **Dimensão Escolar:** Avaliação global da percepção à sua competência ou aptidão em atividades escolares.
- **Dimensão Física:** Avaliação da satisfação com a aparência física em geral.

Legenda - Clareza do item	
0	Não Compreensível
1	Compreensível

Legenda - Adequação do item à faceta	
0	Dimensão Emocional
1	Dimensão Social
2	Dimensão Familiar
3	Dimensão Escolar
4	Dimensão Física

Escala de Avaliação da Autoestima Infantil

N ^o	Itens	Análise de Conteúdo					Análise semântica		Sugestão
		Emocional	Social	Familiar	Escolar	Física	Compreensível	Incompreensível	
1	Feliz x Triste								
2	Sociável x Tímido (a)								
3	Compreendido (a) x Ignorado (a)								
4	Bom (boa) aluno (a) x Mau aluno (a)								
5	Bonito (a) x Feio (a)								
6	Corajoso (a) x Medroso (a)								
7	Educado (a) x Mal-educado (a)								
8	Próximo dos meus familiares x Afastado dos meus familiares								
9	Inteligente x Burro (a)								
10	Forte x Fraco (a)								
11	Calmo (a) x Agitado (a)								

N ^o	Itens	Análise de Conteúdo					Análise semântica		Sugestão
		Emocional	Social	Familiar	Escolar	Física	Compreensível	Incompreensível	
1 2	Gentil x Grosso (a)								
1 3	Protegido (a) x Desprotegido (a)								
1 4	Organizado (a) x Bagunçado (a)								
1 5	Bom (boa) em esportes x Ruim em esportes								
1 6	Divertido (a) x Chato (a)								
1 7	Amado (a) x Odiado (a)								
1 8	Comportado (a) x Travesso (a)								
1 9	Saudável x Doente								
2 0	Bem-humorado x Mal-humorado								
2 1	Estudioso (a) x Preguiçoso (a)								
2 2	Gosto do meu corpo x Não gosto do meu corpo								
2 3	Confiante x Inseguro (a)								
2 4	Muitos amigos x Poucos amigos								
2 5	Muitos familiares x Poucos familiares								
2 6	Boas notas x Notas ruins								
2 7	Cabelo bonito x Cabelo feio								
2 8	Facilidade em trabalhar em grupo x Dificuldade em trabalhar em grupo								
2 9	Boa relação familiar								

N ^o	Itens	Análise de Conteúdo					Análise semântica		Sugestão
		Emocional	Social	Familiar	Escolar	Física	Compreensível	Incompreensível	
	x Relação familiar ruim								
30	Pais amorosos x Pais distantes								

Apêndice 2

Escala de Avaliação da Autoestima Infantil

Nome: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

Data Nasc.: __/__/__ Idade: ____

Escolaridade: _____

Data: ____ / ____ / ____

INSTRUÇÕES

Oi, por favor, leia com cuidado essas instruções.

As palavras e frases abaixo falam sobre diferentes situações que você pode pensar no dia-a-dia.

Queremos saber o quanto você acha que se parece com elas.

Use o lápis de cor para circular a opção que mais combina com o que você pensa.

Olhe como está essa opção por exemplo:

Eu sou...

						
Divertido (a)	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Chato (a)

1 = Parece muito comigo

2 = Parece comigo

3 = Mais ou menos

4 = Pouco parecido comigo

5 = Não tem nada a ver comigo